

## Editorial oliveiramoura@mail.pt

### 1. Ensino Superior Politécnico na Ribeira Grande

Causas há que, pela sua inquestionável relevância e óbvio interesse comum, tais como a 2.ª e 3.ª fases da Variante Sul, a Via Litoral, a Via Rápida Ponta Delgada - Lagoa - Ribeira Grande e o Ensino Superior Politécnico, deveriam ser declaradas, quanto aos princípios, à semelhança da 'Razão de Estado', 'Razão de Interesse Municipal'. Portanto, indiscutíveis. Quanto aos meios e modos de implementação, todavia, saúdam-se divergências de opinião, mormente as decorrentes de aspectos técnicos.

É o caso do Ensino Politécnico na Ribeira Grande, justa e clarividente proposta do Dr. António Pedro, Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande. Por não haver um Estabelecimento de Ensino Politécnico nos

Açores e ser vital para o nosso desenvolvimento sustentado e multipolar, precisam dele a Região, a Ilha, a Cidade e o Concelho. Não obstante as presentes dificuldades conjunturais, devemos manter acesa a aspiração e continuar *unidos* a porfiar pela sua concretização. Seja que vereação for, a actual PSD, uma futura de outra qualquer proveniência, seja o Governo Regional, actualmente PS, ou futuramente de outra filiação, têm o *dever* de dotar a 2.ª Cidade da Ilha e a 3.ª do Arquipélago com este equipamento. Desta vez não se aceitam desculpas 'esfarrapadas', seja de quem for.

### 2. Dia Europeu de Cidades sem carros

Dr. António Pedro, apesar de ser, enquanto não se avança para a 2.ª fase da Variante Sul, da incumbência do Governo Regional, provavelmente mais fácil encontrar o 'circulo quadrado' do que acertar numa solução provisória aceitável para as acessibilidades no interior da malha urbana da Cidade de Ribeira Grande, a Câmara Municipal fez mal, ao ser a única das cinco Cidades da Região Autónoma dos Açores a não aderir, ainda que simbolicamente, ao dia Europeu dedicado às 'Cidades sem carros':

a) porque a Ilha de São Miguel inteira teria 'entendido' que, encerrando ao trânsito, na Cidade de Ribeira Grande, as pontes dos Oito Arcos,

do Paraíso e de Trás-Os-Mosteiros, ainda que por um breve lapso de tempo, a economia da Ilha, designadamente o sector dos serviços e da construção civil, ter-se-ia ressentido;

b) porque os habitantes da Cidade e do Concelho ficam, suprema ironia, com a 'injusta fama' de insensibilidade às questões do ambiente e da qualidade de vida;

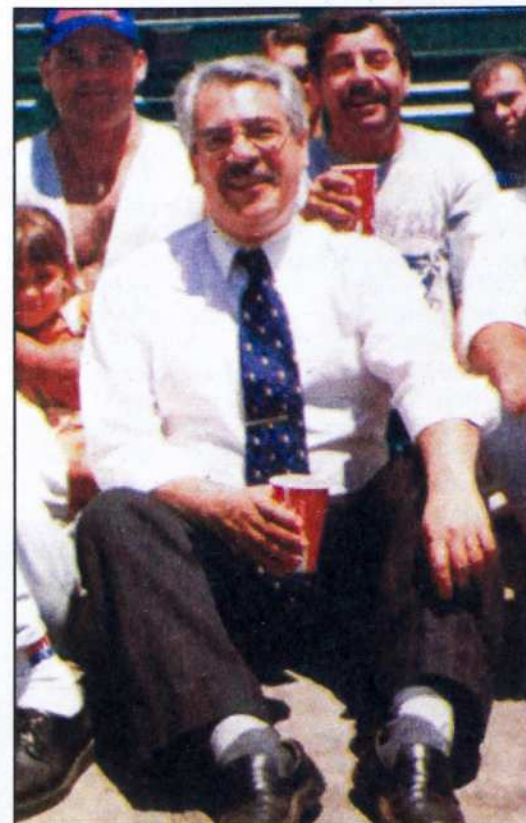
c) porque não ajudou a elevar a nossa auto-estima comunitária nem favoreceu a nossa lícita pretensão de afirmação no contexto das cinco Cidades açorianas.

Oliveira Moura

# ROSA & LARANJA



António Pedro, uma laranja amadurecida, continua a mostrar serenidade, conhecimento das linhas com que uma autarquia se cose, sem entrar em conflito com o seu adversário político, tem um Sonho para a Ribeira Grande, enquanto Ricardo Silva, uma rosa desabrochada, com sangue na guelra, não se desviando do seu estilo, prático, uma seta a *morder* no seu opositor, apresenta uma Ribeira Grande assente num Projecto. António Pedro se vier a ser novamente



Presidente da Câmara Municipal, dele se aguarda que seja, em permanência, uma laranja rica em vitaminas, só assim o seu Sonho não apoderecerá; já Ricardo Silva, a ser eleito para liderar a Autarquia, que seja uma flor, continuamente, desabrochada, prene de cor e de aroma, caso contrário não terá pulso para dar seguimento ao seu Projecto, podendo, por isso, andar na boca do mundo como sendo uma *rosa que não se cheira*.

Mário Moura / Hermano Teodoro **DIÁLOGOS** PÁG. 5



**TOYOTA**



**RUI & GASTÃO, LDA.**  
Praceta da Pranchinha, Nº20  
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919  
2000 9500 Ponta Delgada



**YARIS**

Crie a sua história

7ª ARTE

# CINEMA PARAÍSO (2ª parte)



A abordagem dos conteúdos em "Cinema Paraíso" não se limita a uma simples dissertação sobre diversas temáticas, habilmente inseridas no processo narrativo da ficção. Ela caracteriza-se por manter sempre como ponto de referência a natureza do próprio cinema como arte da ilusão. É, portanto, a ilusão do cinema que temos aqui, apresentada por Alfredo, o mestre ilusionista de Giancaldo, que leva essa ilusão ao limite quando transporta o cinema para a praça pública mediante um jogo de espelhos, mecanismo clássico do ilusionismo. Esse é no filme o momento da consagração máxima de Alfredo como mestre ilusionista. Mas é também o seu fim enquanto mestre dessa ilusão em celulóide, pois o incêndio que se segue destrói-lhe a visão (sentido essencial para o cinema) e o velho Cinema Paraíso, onde exercia a sua magia. Mas o fim de Alfredo como mestre ilusionista é também o início de Toto na arte da ilusão das "fitas"; e se levar a projecção à praça pública é o pique da carreira de Alfredo. Toto, como realizador (ou produtor), tornar-se-á ele próprio um fabricante de sonhos, um mestre ilusionista no mais elevado grau, levando mais longe o testemunho que o seu velho mestre lhe passou. A utilização das técnicas narrativas neste filme é outro aspecto onde "Cinema Paraíso" se revela fortemente enraizado na cultura cinematográfica. Estruturado como um "Flash Back", o realizador foge ao tradicional "Dissolve" para indicar

o salto no tempo, e o regresso ao passado assume a dimensão de sonho, através de uma "Panorâmica" que nos leva de uma janela aberta onde o vento adeja uns pequenos sininhos, para uma zona escura, de onde a câmara emerge já no passado. Na trilha sonora, os sininhos tocados pela aragem evocam as campainhas da igreja, que ele, menino de coro, tocava, mas também nos levam ao sininho de "Tinker Bell" de Peter Pan, o menino que se recusa a crescer, uma associação perfeita para esta viagem à infância perdida. Estes sininhos inocentes são também a primeira vez de um uso recorrente à banda sonora para ligar as cenas entre si. Essa recorrência cria um padrão que se transforma em forma, estando presente no uso repetido da campainha pelo padre a censurar os filmes, com o som da mesma a transformar-se surpreendentemente em sino, alterando assim o padrão estabelecido e motivando a transição de cena; no som da professora a bater com a cabeça do rapaz contra o quadro na escola, que



serve de transição sonora para a cabine de projecção, onde Alfredo provoca um som semelhante batendo num rolo de filme para o nivelar; e em muitas outras transições de cenas ou sequências, merecendo destaque a sequência de "time lapse" em que Alfredo, já cego, toca na face de Toto criança enquanto lhe fala. Mediante

uma simples e hábil montagem, sem recurso a efeitos especiais, é agora a face de Toto adolescente que ele toca, enquanto na trilha sonora a voz de Alfredo continua, numa repetição do uso do som (neste caso a voz de Alfredo) como elemento fulcral

para a transição de cena, que aqui implica também um salto cronológico. Mas a riqueza de técnicas narrativas deste filme não se restringem a essa utilização do som. A revisitação de lugares ou cenas também faz parte do arsenal de Tornatore, com Toto adulto no funeral de Alfredo a olhar para o menino de coro que acompanha o funeral, uma evocação da cena em que ele próprio menino de coro também acompanhava outro funeral, ou ainda o regresso dele em avião, já adulto, a "rimar" com a sua partida em jovem, de comboio. O jogo de "planting and payoff" é outra técnica presente neste filme, onde assume mesmo um carácter quase didáctico, com referências repetidas ao perigo de combustão do celulóide, reforçado pela cena das pontas de filme que Toto roubava, a arderem debaixo da cama da irmã (magnificamente abordado "off screen" por uma cena alusiva), que preparam caminho para a cena do incêndio que destrói o cinema e rouba a vista a Alfredo (1).

As técnicas narrativas não são o único aspecto em que "Cinema Paraíso" dá um testemunho de Cinema com letra capital. Em termos de cenografia, a hábil utilização do cenário real de uma antiga vila ou aldeia, alia-se a uma cinematografia onde a manipulação da cor e da luz (sépias, sobre-exposições, sombras, jogos de sombra/luz) se torna fundamental para criar as ambiências apropriadas ao espaço físico, temporal e afectivo da narrativa, com um posicionamento e movimentação de câmara sóbrios mas seguros, permitindo uma montagem onde o "plano sequência" se combina



dos beijos censurados pelo padre, que Alfredo lhe dera em criança, com a condição de ficarem à sua guarda.

Para o grande mestre Alfred Hitchcock, o conteúdo era secundário, interessando-lhe

perfeitamente com a edição "classical style". Essa sintonia dos aspectos técnicos do filme constitui-se como um elemento narrativo indispensável para a construção de uma atmosfera nostálgica que envolve toda a história e se transmite quase por osmose ao espectador, como se pode ver na cena da partida do jovem Toto da estação de Giancaldo. O movimento da câmara, apropriado a conferir a ideia de um comboio a deixar a estação, traduz também o deixar para trás tudo o que se ama (a mãe e irmã, Alfredo, e o padre, atrasado como convém à hierarquia de afectos previamente estabelecida no filme), com toda a carga emotiva inerente à situação veiculada por esse movimento de câmara.

Em termos de casting, pode-se dizer apenas que foi muito apropriado. Philippe Noiret, no papel de Alfredo, é como sempre uma escolha segura, e o miúdo uma verdadeira revelação, a quem se perdoa um pouco de overacting aqui e acolá pela luminosidade da sua expressão. São duas interpretações excelentes, que não ofuscam as restantes.

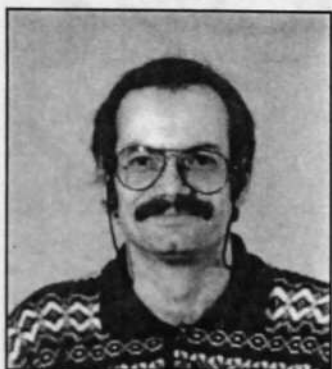
Ao deixar Giancaldo Toto encontrou sucesso mas não amor, como lhe diz a mãe quando observa que sempre que telefona encontra vozes diferentes de mulheres que não o amam. Por isso, o regresso de Toto, já adulto e bem sucedido, é de certo modo o regresso ao amor que deixou para trás quando partiu da estação de Giancaldo, nas pessoas da mãe, irmã e Alfredo. E é precisamente pela mão de Alfredo, agora já morto, que ele encontrará os símbolos desse amor que não encontrou na vida, nos clips perdidos

acima de tudo a cinematografia pura, sobrepondo à história o modo como utilizava as técnicas cinematográficas para a narrar. Em "Cinema Paraíso" assiste-se a um equilíbrio quase perfeito, com conteúdo e cinematografia a entrelaçarem-se de uma forma indissolúvel, ambos elevados ao estatuto de acordes superiores pela mão de outro grande "maestro" desta arte do cinema.

(1) Embora este trabalho se pautar por um diapasão mais aligeirado, esta cena merece um pouco de reflexão pelas suas múltiplas implicações. Depois do incêndio, as referências a Alfredo são ambíguas, deixando pairar a ideia não explícita de que morrerá, para depois surgir vivo e, como ele próprio o diz, a ver melhor, agora que perdeu a visão. É toda uma ideia de morte e renascimento (death and rebirth) que se joga aqui, com Alfredo a renascer duplamente. Por um lado, a sua vida adquire agora uma nova dimensão, pois com a cegueira ele agora "vê melhor", como se tivesse passado a um plano superior. Por outro, ele renasce em Toto, o filho que não teve, e através do qual o seu cinema perdurará quando este assume o seu lugar como projeccionista no renovado Novo Cinema Paraíso, elevando-se depois a um plano mais elevado do que ele próprio atingira, como realizador ou produtor, como se referiu no texto.

Manuel Bernardo Cabral

## PLANTAS USADAS NA MEDICINA POPULAR (5)



A salva é uma das plantas usadas na medicina popular que apresenta um grande número de utilizações, de tal modo que Silvano Pereira refere-se a um adágio popular que diz o seguinte: "Quem tem a salva na horta Tem o cirurgião à porta".

No concelho da Ribeira Grande, a salva é utilizada por muitas pessoas, em quase todas as freguesias, para diversos fins de que se destacam: dores de estômago, nervos, tosse, falta de ar e coração.

De acordo com uma das pessoas inquiridas, quando se usa a salva para combater as constipações, prepara-se "uma chávena de leite a ferver com um galho de salva e duas colheres de açúcar" e toma-se mesmo antes de ir para a cama.

**Família**- Lamiaceae

**Nome científico**- Salvia officinalis

**Identificação** - Subarbusto aromático, de caules quadrangulares, folhas lanceoladas, verde-escuras, apresentado o verso acinzentado. As flores são pequenas e arroxeadas. A salva é uma

planta que é cultivada, raramente aparece como subspontânea.

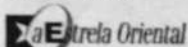
**Utilização**- A salva, de acordo com o Dr. Oliveira Feijão "é tónico estimulante (fraqueza geral, neurastenia, convalescências), digestivo (dispepsias, gastralgias), adstringente (hemorragias, leucorreia), anidrótico poderoso (bronquites, febres reumáticas, suores nocturnos dos tuberculosos) e externamente, detergente e cicatrizante (feridas e úlceras átonas), tónico e calmante (herpes, pruridos, erupções cutâneas)".

Teófilo Braga

## Salva



Ficha Técnica:



Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:

Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.  
Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

# Um ribeiragrandense grande e lembrado lá fora



Foram os Açores visitados, em princípios de Agosto p. p., por elementos destacados do Orfeão Académico de Coimbra, comemorando os seus 120 anos de existência, 40 dos quais decorreram sob a regência do maestro Dr. Manuel Raposo Marques. Era e é motivo de sobra para não esquecer uma figura que se impôs na velha cidade dos doutores.

O Dr. Manuel Raposo Marques, nasceu nesta cidade da Ribeira Grande, freguesia da Conceição, na rua do Vigário Matias. Se hoje, se torna difícil identificar a casa onde morou ou faleceu, aquele vigário, a Diocese de Angra, na "História dos seus Prelados", da autoria do meu saudoso professor, cónego José Augusto Pereira, diz-nos que foi o primeiro vigário da Conceição, após a criação da paróquia pelo Bispo D. António Vieira Leitão, 17.º prelado de Angra e que governou a Diocese de 1694 a 1714.

Em contrapartida, a casa humilde, onde nasceu o Dr. Manuel Raposo Marques, tem o número 30 e duas lápides ali colocadas, dizem aos transeuntes:

*Ao seu maestro Manuel Raposo Marques homenagem do Orfeão Académico de Coimbra em digressão pelos Açores. Abril de 1960.*

A segunda lápide é mais significativa, pois o Orfeão de passagem pela Ribeira Grande, em 1988, 22 anos contados após o falecimento do maestro, prova à evidência que o não esquecer e a sua memória perdurava. *Homenagem dos antigos orfeonistas do Orfeão Académico da Universidade de Coimbra ao saudoso maestro Dr. Manuel Raposo Marques aquando da sua passagem pela Ribeira Grande em 8 de Junho de 1988.*

Os primeiros estudos secundários, fê-los o Dr. Raposo Marques no Seminário de Angra e depois, no Colégio Gaspar Frutuoso, de vida efémera aqui na Ribeira Grande, da direcção do Sr. Ezequiel Moreira da Silva, funcionando de 1916 a 1921, na casa n.º 44 da rua Conde Jácome Correia e que pertencera a Mestre Manuel Cabral Lucas.

Uma foto, que podemos considerar histórica, do Colégio Gaspar Frutuoso, pertence à professora Lúcia Albergaria e que prontamente

cedeu para ilustrar este trabalho, apresenta ao centro, sentado o seu director, sr. Ezequiel Moreira da Silva e de pé, começando pela direita, Manuel Raposo Marques, José de Melo Garcia, filho do professor sr. Laurindo Melo Garcia, Aires Moniz, filho do sr. Caetano Moniz e falecido muito novo, finalmente Angelo Pacheco Alfinete, pai da professora Lúcia Albergaria e que se destacou à frente da Sociedade Voz do Progresso e Asilo de Mendicidade.

A Ribeira Grande, foi terra de músicos e destacamos duas figuras que se impuseram dos seus contemporâneos: Padre António Pacheco Custódio que ensinou música a várias gerações, como regente da capela da Matriz da Ribeira Grande e na qual por alguns anos se integrou o Dr. Raposo Marques.

A outra figura a destacar, é a de Manuel António de Medeiros, mestre de capela de São José de Ponta Delgada mas natural desta cidade nortenha. Lendo os escritos M. J. Andrade, o regente de capela, Manuel António de Medeiros, conseguiu afirmar-se um valor nos meios musicais micaelenses, a sua capela, considerada valioso agrupamento coral, deu o seu prestante concurso a festas religiosas e com a sua morte, desapareceu um elemento artístico de reconhecido mérito. Assim pensou e escreveu M. J. Andrade.

Como natural desta cidade, aí pelos anos 30, fazia-nos uma surpresa, aparecendo com alguns elementos da sua capela, na igreja da Conceição, no fim do ano para cantar o *Té-Deum*, era para nós, um dia de festa. Mas, além do ano 60, na sua digressão pelos Açores, muitas vezes pelos anos 30, passando férias com a esposa, D. Adélia Abreu, na casa de seus pais, o Dr. Raposo Marques era das pessoas a quem o trabalho dava jus à existência e por isso, não ficava inactivo. Por duas vezes organizou nesta cidade, um orfeão com elementos voluntários, de todas as faixas etárias, actuando no nosso teatro, como em Ponta Delgada, Vila Franca do Campo e Lagoa e cujos fundos serviram para retelhar, caíar e pintar a Igreja da Conceição e para a remessa de uma Casa de Paramentaria do Porto, de vários



paramentos para o domingo e festas. A Senhora da Conceição era tudo para ele e é digna de registo, antes de regressar a Coimbra, a oferta de um bonito ramo de flores, com que o tinham presenteado, entregá-lo à então estudante Lúcia Albergaria para o depositar no altar da Senhora da Conceição. É o regresso às origens, constatado entre os que têm a alma grande.

Em Coimbra, mantinha o Dr. Raposo Marques, relações de amizade com as mais altas figuras da vida social e sobretudo com os seus antigos alunos e orfeonistas.

Quando frequentava já o seminário e me contava em férias, sendo seu vizinho e ainda parente, convidava-me o Dr. Raposo Marques para almoçar com toda a família. Um dia, soubemos, fora almoçar com a esposa com o sr. governador civil do distrito, pois era também seu conhecido e amigo de Coimbra, o capitão Sérgio Rafael Vieira, capitão da arma de cavalaria, sediada em Coimbra. Foi o último governador a vir de fora, pois Salazar considerava os ilhéus, tão portugueses como os continentais.

Inesperadamente, a morte colheu-o em Santa Maria em 1966, em casa de seu irmão, José Raposo Marques, hoje tesoureiro aposentado da Repartição de Finanças de Vila do Porto e que assistiu com a família aos concertos do Orfeão Académico. Assim, nasceu e morreu nos Açores. Digno de registo, o apoio logístico que a prestimosa direcção da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande prestou aos elementos do Orfeão Académico.

Anotamos, em uma nota distribuída pela Santa Casa da Misericórdia:

*Visita do Orfeão Académico de Coimbra.*

*A pedido da sua Direcção, a Santa Casa prestou todo o apoio logístico nesta visita do Orfeão a S. Miguel, a saber: Recepção e transporte do aeroporto para a Escola Secundária da Ribeira Grande, e da Escola para o aeroporto, no dia da deslocação para a ilha Terceira; Apoio nas refeições; Visita à casa onde residiu o ma-*

*estro Raposo Marques; Organização de passeios aos pontos de mais interesse turístico do concelho da Ribeira Grande e arredores; Organização do espectáculo no salão da Santa Casa, ao qual assistiram em 2 de Agosto p. p., cerca de centena e meia de pessoas.*

Para terminar, numa retrospectiva de descoberta de valores históricos que honram esta jovem cidade, detectámos a existência de um outro Orfeão que se fundou nesta ilha, sediado em Ponta Delgada, em honra e *in memoriam* de outro grande ribeiragrandense, o Dr. Edmundo Machado Oliveira. Ambos, sediados fora da Ribeira Grande, mas levando o nome da jovem cidade a longínquas paragens.

Um orfeão é uma autentica embaixada cultural, não se compõe de instrumentos metálicos, como as filarmónicas, mas agrupa vozes humanas nos seus perfis fisionómicos e que vibram, emocionam, sentem e sobretudo, transmitem contínuas mensagens.

Em economia, não ouvimos outra coisa: investir no turismo, o que envolve capitais de vulto, de grupos que se conjugam.

Os orfeões, investiram sem risco algum, um capital cultural, dos homens de boa vontade que apostam



na terra, na proclamação de valores do espírito, pugnando por princípios de que não abdicamos.

A cidade da Ribeira Grande está de parabéns, pelo turismo cultural que os orfeões lançam por toda a parte, dentro e fora do país, como uma mais valia, levando na dianteira o nome da cidade jovem, onde Gaspar Frutuoso escreveu as *Saudades da Terra*.

**Pe. António Rocha**

## CONSTRUÇÕES

Alvará nº 33292 (50.000cts)      Alvará nº 33288 (100.000cts)

# Fernando Perceira

Loja 1: Rua Gonçalo Bezerra, 18 - Ribeira Grande  
 Telex: 296 474 462 / 485 / 486 - Telem: 96 4863 276  
 Loja 2 e Escritórios: Rua dos Foros, 27 R/C - Ponta Delgada  
 Telex: 296 281 844 / 847 / 921

**Largo das Freiras Ribeira Grande**

REPRESENTANTE PARA OS AÇORES

## FABYLAK

TINTAS E VERZES

**A TINTA QUE VENCE NA QUALIDADE E NO PREÇO!**

*Boa Gastronomia  
com o Mar  
Como Horizonte*

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

# na WEB

[aestrelaoriental.cjb.net](http://aestrelaoriental.cjb.net)

# Uma conversa sobre Nemésio - IV



Penacova, Segunda-feira 2 de Abril de 2001

Na introdução aos excertos das cartas alusivas ao *Mau Tempo no Canal*, publicados na *Colóquio/Letras* n.º 102, Mourão-Ferreira escreve a dado passo: "Quis um afortunado conjunto de circunstâncias que se encontre nas minhas mãos, por generosa dádiva da respectiva destinatária, um importantíssimo acervo de cartas e bilhetes-postais (sobretudo cartas: algumas centenas) que Vitorino Nemésio dirigiu ao longo de quase quarenta anos - de 1939

a 1977 - à extraordinária Senhora que foi, pelo menos desde 1924, a grande paixão da sua vida e a principal inspiradora da sua obra, de modo a ter-se tornado, inclusivamente, o privilegiado se não exclusivo "modelo" da protagonista feminina de *Mau Tempo no Canal*, essa incomparável Margarida Clark Dulmo [...] e que, como é óbvio, na vida real não se chamava nem Dulmo nem Clark nem sequer Margarida [...]. Das duas das mais importantes cartas publicadas na íntegra, datadas de 19 de Setembro, de 1940, 4h. ½ t. e de Sábado, 20-IX, respectivamente, e que David Mourão-Ferreira deu o título de "Retrato do Pai", "um dos mais vivos e impressionantes "retratos" que jamais em língua portuguesa se escreveram", vou respigar alguns passos: "Meu Amor, / Escrevo-te da minha mesa de sobre. Ontem não me atrevi. Eu tenho passado dias tenebrosos, de guerra interior e de muitas outras espécies de guerra... [...]. Mas adiante! Eu vou tendo forças para isto, e até me

parece que é absolutamente indispensável para que o meu destino se cumpra. [...]. Queria-te contar a história da minha vida. O pior é que me perco em pormenores. Já me dizia o Aquilino, quando lhe mostrei o manuscrito da *Varanda de Pilatos*: "Parecem-me tias a mais..." Mas é que eu tive na realidade muita tia! [...]. Meu Pai é a grande saudade da minha meninice. Todas as coisas que eu vi e senti vão ter a ele como um rio. Foi ele que me deu esta alegria que eu tenho enterrada na minha abstracção e nos desvios de uma vida de que eu sou o único culpado; mas foi ele também, ou, antes, o seu fadário, que encheram a minha adolescência de melancolia e de temor. [...] Depois, pouco a pouco, a pobreza numa casa que fora farta. [...] A minha estantezinha de pinho, feita pelo Taleia da Praia, tinha o velho dicionário de francês que um tio me dera, os livros adoptados, que meu Pai comprara em segunda mão ao Luís Severiano, e os primeiros livros de literatura (raros) que

eu podia agarrar. Era a fase do *Canto Matinal* [...], a fase... dos meus primeiros olhares (eu ia a dizer dos nossos), na quermesse ou na Praça de S. João. Mas para que estou eu a acumular aqui estes sarros? Isto é por assim dizer a cõdea do lodo em que a minha vida assenta. Um freudiano qualquer chamaria a isto um *complexo de ressentimento*. E talvez seja. A verdade é que os fados não me deram outro material para construir. [...] Tudo isto eu tornava a engolir para o [Pai] fazer participar da minha vida de homem. Sei que ele havia de ter compensação e alegria. E não era só a gloriola do burguês com filho lente: era a desforra de me ver, enfim, servir-me das nossas tristezas e alegrias como matéria de expressão, desabafar pela minha voz os seus sonhos recalçados, outros francamente escarnecidos. E quando penso que tenho traído a minha vida de escritor ladeando-a e iludindo-a, fazendo-me um simples coca-bichos ou então um mero *régisseur* da literatura dos outros; perdendo o melhor

dos meus anos e até das minhas intermináveis horas vagas da França e da Bélgica... Sempre sopeado, medroso, um ganha-pão qualquer. Sem coragem nem verdadeiro nervo para nada. A procurar a minha medida fora de mim mesmo, fora dos meus gadanhos, da minha tinta, do meu papel. [...] Foi longo o excerto, mas valeu a pena. Por este exíguo apanhado poder-se-á avaliar da riqueza literária e humana dessas cartas que um dia, quando publicadas em livro, virão decerto enriquecer a Literatura Portuguesa. Vou ainda dar a palavra a Nemésio: "Às vezes sinto outra vez uma onda salgada, como se agora é que me atirasse ao romance, mas não... É preciso esperar a hora. Eu isto só o faço como um louco e pondo o meu sangue todo ali. O nosso romance é da gente ambos: tens de fazê-lo comigo. [...] Eu tenho vivido a 'inventar-te'. És a bonequinha de sangue de *Mau Tempo no Canal*." [...]

(Continua)  
Cristóvão de Aguiar

**Somos especialistas na confecção por medida de fatos do dia-a-dia, fatos de cerimónia, vestidos de noite, vestidos de noiva. Fazemos arranjos e transformações. Atendimento Personalizado**

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189

*Quiosque do Jardim*

*a tranquilidade de uma esplanada mesmo no centro da cidade!*

**de Alvaro Manuel Morgado Raposo**

**Novas colecções Outono/Inverno e um mundo de brinquedos para ajudar o Pai Natal**

R. Gonçalo Bezerra, 45 - Ribeira Grande  
Tel.: 296 472 271 - Móvel: 96 279 88 49

**JOSÉ DO COUTO, LDA.**  
AREIA DRAGADA E AREIA FABRICADA  
EMPREENHEIRO DE OBRAS PÚBLICAS  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR  
TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419

**HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA**  
OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, N.º 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167

# A Rosa



**O político e a imagem**

**E.O. - Acha correcta a imagem que o público tem dos políticos?**

R. S. - A actividade política é sempre muito controversa em termos de imagem nos regimes democráticos. Os políticos poderiam ter uma prestação diferente se a opinião pública também fosse mais crítica e participativa. A crítica é diferente da maledicência e por vezes a última suplanta a primeira pela facilidade do exercício.

**E.O. - Que cuidados deve um político ter 'para não se queimar'?**

R. S. - Qualquer político deve, sobretudo, acreditar nas suas convicções e quadro de valores orientadores do seu desempenho. Não se pode ser sempre populista porque é ser-se mentiroso para quem se trabalha. Amar a verdade é não "queimar-se", se bem que esta terminologia seja um tanto plástica.

**E.O. - Concorda que os vossos cartazes da pré-campanha, um enorme e outro pequeno, poderão induzir os eleitores de que se trata de um duelo entre David e Golias?**

R. S. - Não, de maneira nenhuma. Induzem que todos os David nunca tiveram medo dos Golias e mostram o conjunto de interesses económicos que está por detrás das campanhas do PSD. Estou a fazer uma campanha livre e não condicionada a quem quer que seja. Já disse várias vezes que primeiro estão as pessoas e o concelho acima de todos os interesses.

**Futuro**

**E.O. - Como imagina a Cidade e o Concelho de Ribeira Grande daqui a dez, vinte anos?**

R. S. - Imagino uma cidade e um concelho diferentes para melhor se o PS ganhar estas eleições e temo que tudo continue na mesma, na modorra habitual se o PSD vencer. Este é o grande desafio dos ribeiragrândenses.

**Acessibilidades**

**E.O. - Partindo do princípio que se compromete a construir a via litoral, o complexo balnear, entradas na Cidade e requalificação das margens das ribeiras, que articulação entre todos, faseamento e origem do seu financiamento?**

R. S. - Hoje não se constroem cidades sem a ideia de "Projecto". A Ribeira Grande até agora infelizmente não tem tido esse Projecto de cidade. Já me comprometi publicamente a apresentar nos meses seguintes à minha eleição um plano integrador de todos estes investimentos, faseamento da sua execução e fontes de financiamento. É preciso articular a renovação do centro histórico com a ribeira; pensar o enquadramento da Via Litoral no conjunto de acessibilidades à Ribeira Grande e definir o que se pretende para as várias zonas balneares da cidade - Poças, Monte Verde, areal de S. Bárbara e Santana. É um projecto de fundo que todos os ribeiragrândenses precisam de conhecer, discutir e aprovar.

**E.O. - Caracterize o seu impacte na**

**economia da Cidade e do Concelho?**

R. S. - Os concelhos e as cidades avançam com a energia dos privados e o estímulo das entidades públicas. Isto não tem acontecido na Ribeira Grande e é uma exigência que aconteça. A iniciativa privada está a trabalhar sem qualquer apoio da sua Câmara Municipal que poderá ser o motor impulsor do reforço da pujança económica do nosso concelho e da cidade da Ribeira Grande.

**E.O. - Como transformar em vantagens para a Ribeira Grande a nova via rápida Ponta Delgada/Lagoa, futuramente Ribeira Grande?**

R. S. - A centralidade da Ribeira Grande na ilha de S. Miguel é uma vantagem enorme para o seu desenvolvimento. Somos o único concelho com ligação a todos os outros. É fundamental a nova via de ligação a Ponta Delgada porque a economia da ilha assim o exige e considerando o papel de relevância económica da Ribeira Grande. Penso que o Governo Regional já o compreendeu, bastando agora que os prazos sejam cumpridos. Bater-me-ei por esta necessária realidade a curto prazo.

**Ribeira Grande e a Região**

**E.O. - Que pretende fazer para promover a imagem e o peso político da Cidade da Ribeira Grande no contexto das cinco Cidades açorianas? A terceira do arquipélago e a segunda da ilha de São Miguel.**

R. S. - É preciso que a Ribeira Grande assumira um outro papel que não o da passividade actual. Temos de ser produtores de factos e acontecimentos, fazendo realçar o interesse do concelho nas iniciativas. É preciso dizer a todas as entidades que **queremos estar presentes** nas iniciativas económicas, sociais, culturais, ambientais, etc. As imagens e os pesos constroem-se com trabalho, iniciativa e eficácia. Hoje já ninguém tem posições adquiridas. Precisamos de mudar o discurso e a atitude face a Ponta Delgada. Temos de marcar a nossa identidade e a nossa diferença. Desta forma seremos agentes do nosso próprio destino como população de carácter forjado pelo seu labor.

**E.O. - Acha que a presente realidade socio-económica açoreana continua a justificar a existência exclusiva em Angra, Ponta Delgada e Horta, deixando, Ribeira Grande e Praia da Vitória de fora da partilha das infra-estruturas regionais?**

R. S. - Não, de forma alguma. Aliás, a Ribeira Grande é a cidade mais penalizada em termos de infra-estruturas, mas é preciso que as oportunidades que temos saibamos agarrá-las em execução. Não temos aeroportos nem portos nem marinhas, mas temos boas condições para potenciar o nosso tecido económico, o nosso património arquitectónico e ambiental, as nossas praias, etc. Temos de crescer a partir dos nossos recursos, exigindo condições de desenvolvimento para eles e para

(Continua na pág. 6)

# A Laranja



**O político e a imagem**

**E.O. - Acha correcta a imagem que o público tem dos políticos?**

A.P. - As pessoas muitas vezes associam os políticos às inverdades, à falta de palavra, ou seja gente sem escrúpulos que ganha rios de dinheiro e são um mal para a sociedade.

Evidentemente, como em outras situações, poderá haver algum político desta jaez que tem conduta desaconselhável e que mancha a imagem dos políticos. A política é um exercício nobre do poder, pois trabalhar para a comunidade, contribuir para a resolução dos problemas das pessoas, traz-nos uma satisfação pessoal e um sentimento do dever cumprido.

**E.O. - Que cuidados deve um político ter "para não se queimar"?**

A.P. - O político deve agir com naturalidade, sem máscaras, apresentar-se com as suas virtudes e com as suas insuficiências.

Ninguém é perfeito, cada um de nós tem as suas lacunas e não vale a pena procurar camuflá-las apresentando-se como sabichões, como os mais inteligentes, os únicos donos da verdade. Queima-se quem envereda pela mentira. Já diz o provérbio que é mais fácil apanhar um mentiroso do que um coxo.

O político tem de ser ele próprio, despido de roupagens e não optar por uma atitude mais dócil apenas no período eleitoral. O povo está atento à volatilidade comportamental.

**E.O. - Concorda que os vossos cartazes da pré-campanha, um enorme e outro pequeno, poderão induzir os eleitores de que se trata de um duelo entre David e Golias?**

A.P. - Admiro a capacidade criativa dos que fazem este tipo de interpretação. Eu por mim prefiro ser o David na simplicidade, no comportamento, na pequenez perante os sábios e os poderosos do mundo.

Prefiro a fé e a determinação do David e a sua grande capacidade de acreditar na missão para que fora incumbido pelo Senhor dos Senhores. Gostaria de ser ainda David enquanto não me abundar a indiscriminação de material de propaganda. Prefiro a humildade de quem dá tudo, mesmo que pouco, mas tem confiança e se empenha no trabalho.

**Futuro**

**E.O. - Como imagina a Cidade e o Concelho de Ribeira Grande daqui a dez, vinte anos?**

A.P. - A Ribeira Grande do futuro será completamente diferente da de hoje, porquanto a requalificação urbana que se avizinha, dar-lhe-á uma feição moderna e atractiva por excelência. A articulação da rede viária e dos novos circuitos permitirão a valorização do perímetro urbano e potenciar o litoral, como zona de expansão privilegiada.

Será uma cidade virada para o mar, com uma zona de lazer de qualidade, onde abundará zonas de restauração, de hotelaria e de serviços.

O interior será irreconhecível, pela aposta na preservação dos edifícios, com a sua praça pública moderna, onde se poderá passear descontraidamente na zona do Paraíso iluminado, com música de fundo, provinda do leito da ribeira.

A Ribeira Grande consolidará também o epíteto de Capital Cultural. Esta é a Ribeira Grande que um dia

sonhámos e que estamos já a concretizar.

**Acessibilidades**

**E.O. - Partindo do princípio que se compromete a construir a via litoral, o complexo balnear, entradas na Cidade e requalificação das margens das ribeiras, que articulação entre todos, faseamento e origem do seu financiamento?**

A.P. - Trata-se de um conjunto de projectos que contribuirão para concretizar este sonho de cidade do futuro. A Ribeira Grande e os Ribeiragrândenses viverão num espaço com qualidade de vida, ao nível das grandes cidades.

A materialização destes projectos será faseada e o seu financiamento estará assegurado, desde logo através do PRODESA, verbas da União Europeia que a Autarquia tem direito. Por outro lado, estamos neste momento a elaborar uma candidatura ao PITTEP. Uma outra solução de engenharia financeira que estamos a estudar, diz respeito ao "Project Finance", que permitirá dotar o Concelho de estruturas com recurso ao financiamento de entidades privadas.

Temos, assim, que estar atentos à fontes de financiamento extra PRODESA e ninguém tem o direito de censurar todas as diligências que temos feito, no sentido de se obter verbas para o desenvolvimento do nosso Concelho.

As próprias verbas do Orçamento de Estado destinadas às despesas de capital destinam-se-lhe a estes mega projectos.

**E.O. - Caracterize o seu impacte na economia da Cidade e do Concelho?**

A.P. - Em primeiro lugar a qualidade de vida da cidade será diferente e os cidadãos poderão usufruir das vantagens destas novas estruturas.

Contudo, será o impacto destas obras na economia, uma mais valia na dinamização do Concelho.

Como se sabe, nas alturas de maior sufoco financeiro, têm sido as obras da Câmara Municipal que têm permitido ajudar as nossas empresas a continuarem a trabalhar. Por isso, o nosso Concelho como centro nevrálgico da construção civil será beneficiado com as obras de envergadura que serão concretizadas num curto prazo.

**E.O. - Como transformar em vantagens para a Ribeira Grande a nova via rápida Ponta Delgada/Lagoa, futuramente Ribeira Grande?**

A.P. - A Ribeira Grande, Ponta Delgada e Lagoa formam um triângulo social e económico importante, considerada a área central do desenvolvimento dos Açores. Num futuro próximo a Ribeira Grande e Ponta Delgada, conjuntamente com a Lagoa concentrarão ainda mais as grandes empresas, os Serviços e a grande maioria da população da ilha, que é o mesmo que dizer, dos Açores.

Por isso, para responder a estes desafios serão necessárias vias de comunicação à altura. Sem boas estradas não há desenvolvimento sustentado possível.

Foi nesta perspectiva que sempre pugnámos e reivindicámos para que a ligação entre a Ribeira Grande e Lagoa se concretizasse, por considerarmos fundamental para o desenvolvimento deste eixo.

Recordo que a primeira promessa do Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, numa audiência com o Presidente da Câmara da Lagoa,

(Continua na pág. 7)

**IEI**

**Instalações Eléctricas Industriais, Lda.**

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado  
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão  
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Corderiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada  
Telef. 298 30 33 30 Fax 298 83 84 75 Tel. ande@mail.telepac.pt

# A Rosa

(Continuação da página 5)

outros que surjam.

**E.O. - Como qualifica, independentemente da boa ou má relação com a autarquia, o comportamento do Governo Regional dos Açores em relação à Cidade da Ribeira Grande? Exemplos: para o prolongamento da avenida marginal, das variantes, da marina de Ponta Delgada, o G.R. tomou a iniciativa. Por que não faz o mesmo em relação à Cidade da Ribeira Grande, libertando a autarquia para outros empreendimentos? 'Umas são filhas, outras enteadas?'**

**R. S. -** Os Governos actuam consoante as propostas dos interlocutores. A Ribeira Grande para desenvolver-se tem que ter uma rota e políticas definidas trabalhando para que as mesmas se alcancem. Os sonhos têm que ter projectos. Não basta dizer há anos sem fim que queremos uma Via Litoral. É preciso dar passos para tal, apresentar suportes sérios e responsáveis. Este Governo tem considerado a Ribeira Grande com dignidade e realizado obra no mesmo, fazendo com que seja filha e não enteada como foi durante 20 anos com o PSD. Aliás, o PSD foi e é um partido que nunca olhou para a Ribeira Grande como filha, sempre como enteada e assim permanece hoje a nível local.

## Ambiente, turismo e cultura

**E.O. - Que soluções preconiza para resolver uma vez por todas as descargas industriais na ribeira e no litoral da Ribeira Grande?**

**R. S. -** Sentando à mesa os industriais envolvidos, Governo Regional e Autarquia, procurando uma solução de consenso que não seja o actual estado de desrespeito absoluto pelo Ambiente e pelas Pessoas.

**E.O. - O Governo Regional adquiriu e recuperou o Pinhal da Paz para Parque da Cidade de Ponta Delgada, ao invés, adquiriu, mas não recuperou a Caldeira Velha para a Cidade da Ribeira Grande. Como pretende contrariar tais atitudes?**

**R. S. -** Sendo protagonista da mudança na Caldeira Velha. Dizer ao Governo que a Câmara Municipal quer ser parceira na melhoria desejada e não mera espectadora, vincando que o actual estado de coisas não pode continuar. Comprometo-me publicamente a mudar e a salvar a face da Caldeira Velha quer o Governo Regional queira ou não. A situação exige um Já de todos os ribeirãograndenses.

**E.O. - Que turismo para a Ribeira Grande? O rural, onde as paisagens devem ser estudadas, divulgadas, protegidas e usufruídas, ou o cultural, sabendo-se que esta dimensão tem sido, salvo algum trabalho feito, descuidada: veja-se, por exemplo, a questão do património edi-**

**ficado na área histórica da Cidade?**

**R. S. -** A Ribeira Grande tem excelentes condições para um turismo de índole rural, de habitação e de ordem hoteleira de média dimensão. Temos infraestruturas a potenciar: quintas e hortas; casas e solares e espaço para construção. O que é preciso é atrair a iniciativa privada. Com esta actuação aparecerá um turista de variado interesse que apreciará a paisagem, a gastronomia, a arte, a cultura e o mar favorecendo o nosso enriquecimento.

**E.O. - Que impacto prevê na economia da Ribeira Grande com a eventual introdução do Ensino Superior, do Museu e da Biblioteca da Ribeira Grande?**

**R. S. -** O nosso património estagnou a nível de Biblioteca Municipal e Museu (este precisa existir como entidade jurídica e de facto). É preciso criar condições diferentes para um verdadeiro Museu na Ribeira Grande, Arquivo e Biblioteca Municipal, assim como mudar radicalmente o panorama da Casa da Cultura. A Cultura necessita de ter dimensão política no orçamento camarário para que possa servir a população e aqueles que nos visitam. Por formação pessoal e interesse do concelho criarei condições dignas para potenciar os espaços culturais de uma verdadeira cidade.

O processo de introdução do Ensino Superior na Ribeira Grande tem de ser todo reavaliado pela inabilidade do actual Presidente na condução de tão sensível assunto. Há matérias como o Ensino Superior que têm de ser bem amadurecidas e cujos objectivos merecem a congregação de entidades fundamentais como a Universidade dos Açores.

## Economia

**E.O. - O Parque Industrial, inicialmente criado pelo Governo Regional para ser o da Ilha de São Miguel, ao que parece, passou ou irá passar para a alçada municipal, como dinamizá-lo, agora que, quase ao seu lado, Ponta Delgada terá o das Murtas?**

**R. S. -** A Câmara Municipal da Ribeira Grande como recém entidade gestora terá de ter uma linha de abertura aos privados que passe pela criação de condições de atracção ao investimento, loteamento e disponibilização célere das parcelas camarárias e melhoria da realidade actual como rede de transportes, segurança e vigilância, restauração e arborização dos espaços verdes. A dinâmica que o Parque Industrial precisa beneficiará largamente o ordenamento industrial da cidade e do concelho. As pequenas e médias indústrias, empresas de comércio e serviços terão um espaço de instalação privilegiado, coisa que não se conseguiu em 21 anos.

**E.O. - O que fazer para atrair mais investimento privado,**

**nomeamento no âmbito do turismo?**

**R. S. -** Sobretudo, uma política de iniciativa junto dos privados do concelho e de outros investidores, afirmando de forma rigorosa o que a autarquia pode ou não pode conceder; gizar uma actuação concertada com o Governo Regional e as principais agências turísticas definindo o papel de cada entidade no domínio da oferta e da animação turística.

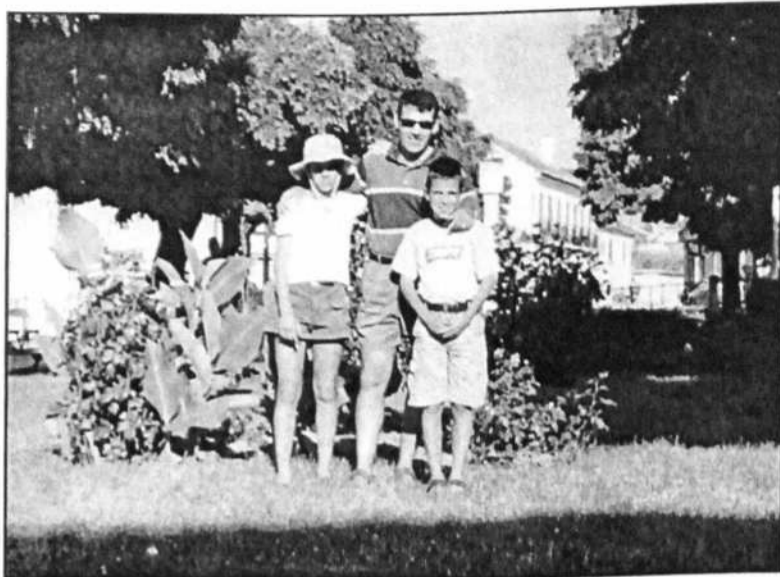
**E.O. - Que impacto terá no tecido económico social da Ribeira Grande a construção, na Cidade de Ponta Delgada, de 10 hotéis, um Centro Comercial e de inúmeros apartamentos? Não teme que o Concelho e a Cidade se transformem num dormitório?**

**R. S. -** Sou um adversário enérgico daqueles que estão sempre preocupados com Ponta Delgada. A Ribeira Grande vale por si e tem condições extraordinárias para afirmar a sua diferença e a sua idiossincrasia. O sector económico da Ribeira Grande é dos mais fortes da Região e, sobretudo, temos é de criar condições de reforço deste sector porque o nosso concelho não é nenhum satélite de Ponta Delgada em nada.

## Infraestruturas

**E.O. - Admitiria como infra-estruturas regionais a transferir ou a requalificar as seguintes: Centro de Saúde, transformado em Hospital do Norte da Ilha, Casa de Cultura do Norte de São Miguel, Museu e Biblioteca Regionais do Norte da Ilha, Secretaria e Direcção Regional? A que argumentos recorrerá?**

**R. S. -** As reivindicações têm de ter uma base sólida de sensatez para que sejam credíveis. O sistema político regional tem a sua orgânica na base dos ex-districtos e respectivas capitais. A Autonomia procurou equilíbrios na mesma linha. Esta lógica de realidade é preciso mudar sob pena de Praia da Vitória e Ribeira Grande serem cidades excluídas do todo administrativo regional. Defendo esta orientação básica essencial. Quanto à natureza dos serviços é preciso muito diálogo para e definição das estruturas



a transferir vendo quais as condições que a Ribeira Grande tem para tal fim e que podem qualificar melhor os serviços.

**E.O. - Que benefícios traria uma eventual transferência de serviços públicos regionais para a Ribeira Grande?**

**R. S. -** A instalação de quaisquer serviços públicos regionais é sempre um elemento de energia e de atracção para a coesão e importância de um determinado local. A Ribeira Grande só teria a ganhar com esta realidade e por ela se deve bater de forma fundamentada até porque a descentralização não deve ser encarada só em termos de ilhas mas também dentro da ilha de S. Miguel. Defendo que a Câmara Municipal deve avaliar em parceria com o Governo Regional as possibilidades reais de tal transferência e respectivas áreas para terminar com as indefinições presentes.

**E.O. - Dado o atraso e a urgência de captação de verbas para as infra-estruturas essenciais a desenvolver na Cidade e no Concelho, acha que a criação de equipas para captar verbas e implementar projectos, tal como o Governo Regional da Madeira faz, se adequaria ao nosso caso?**

**R. S. -** Concorro e defendo em absoluto tal ideia. Terei como ponto assente no âmbito do Contrato Socio-Económico para o Desenvolvimento da Ribeira Grande uma equipa cujo objectivo essencial será

captar investimentos multifacetados para o concelho.

**E.O. - Na ausência e enquanto se espera a conclusão do PDM e do PU, avançaria já para um Plano Estratégico? Que linhas gerais enformariam este Plano para a Cidade e para o Concelho?**

**R. S. -** Infelizmente a Ribeira Grande não tem qualquer Plano como instrumento orientador do que quer que seja. Só por isso pode ler-se o que é a actual gestão camarária do PSD: navega à vista e quando tenta ir mais longe afunda-se, como é natural. Julgo fundamental dotar o concelho de instrumentos de ordenamento territorial e não só. O plano estratégico será assente nas grandes linhas de política municipal para as mais diversas áreas sejam elas a Economia, o Ambiente, a Cultura, etc., e que qualquer edilidade deve saber à partida reforçando os pontos fortes e desenvolvendo os pontos fracos. Acredito que os ribeirãograndenses são capazes do melhor quando bem estimulados por uma verdadeira liderança municipal.

## Rádio Nova Cidade



**105.5  
FM**

Telfs. 296 472 738 / 296 472 802 Fax. 296 472 654 e-mail: rnc@azores.net

"O Melhor Café da Cidade" agora com dois novos lotes: Platina e Diamante



**JTABACARIA  
Jovem**

de João Carlos Ferreira Medeiros

Rua de S. Francisco, 88  
9600 - RIBEIRA GRANDE  
Telefone: 296 473 670

Junto ao Hospital

Revistas e Jornais Nacionais e Estrangeiros

# A Laranja

(Continuação da página 5)

logo após a tomada de posse, anunciou no final da reunião que o Governo iria beneficiar e pavimentar a Estrada Regional da Mediana, entre a Lagoa e a Ribeira Grande. Na altura congratulamo-nos com o facto mas, até hoje, e já passaram 5 anos, tenho pena que tal promessa ainda não tivesse sido cumprida.

## Ribeira Grande e a Região

**E.O.** - Que pretende fazer para promover a imagem e o peso político da Cidade da Ribeira Grande no contexto das cinco Cidades açorianas? A terceira do arquipélago e a segunda da ilha de São Miguel.

**A.P.** - A Ribeira Grande começa a afirmar-se como capital cultural da ilha, com a melhor Sala de Espectáculos dos Açores, segundo Adriano Jordão, conceituado Pianista nacional.

A nível de gastronomia a Ribeira Grande possui bons restaurantes e Pubs. Tem a única Aldeia Agrícola de S. Miguel, é o coração da construção civil da Ilha. Tem o maior porto de pescas e as grandes indústrias de lacticínios estão aqui localizadas, para não falar nos distintos embaixadores, como são o licor e o chá. Em termos de tributação, é o 2.º Concelho dos Açores que mais impostos paga, o que representa uma capitação e um desenvolvimento muito grandes.

O que nos falta são os serviços, que dão vida às cidades. Para tal, basta haver vontade política para dotar a Ribeira Grande de alguns Serviços Governamentais. Que por sua vez é potenciador e atrairá muita mais gente à cidade.

Mas os Ribeiragrândenses conseguiram, pela força do seu trabalho e pelo entusiasmo das suas gentes, edificar uma grande e importante Vila. Cabe-nos agora a tarefa de valorizar esta cidade que cresce e afirma-se a olhos vistos.

É preciso engenho e arte para fazer valer a força da nossa razão.

Esta não é uma questão partidária, porque os barões de Ponta Delgada não são os políticos, é toda uma mentalidade centralizadora e macrocéfala daquela cidade perante o resto da ilha.

Vamos continuar com a mesma vontade férrea a dotar a Ribeira Grande de estruturas de grande nível para fazermos desta cidade uma cidade em franco progresso e com muita prosperidade.

**E.O.** - Acha que a presente realidade sócio-económica açoriana continua a justificar a existência exclusiva em Angra, Ponta Delgada e Horta, deixando a Ribeira Grande e Praia da Vitória de fora da partilha das infra-estruturas regionais?

**A.P.** - Estas reminiscências dos antigos Distritos prejudica grandemente a Ribeira Grande e a Praia da Vitória, não se justificando em nada que os novos serviços não sejam descentralizados nas novas cidades.

Percebe-se que no início do processo de implantação do regime autonómico houvesse necessidade de aproveitar as estruturas administrativas dos ex-distritos para viabilizar a nova Região Autónoma.

Contudo, já não se entende, neste momento, porque se persiste na partilha das estruturas regionais pelas cidades de Ponta Delgada e Angra e Horta. Tanto a Ribeira Grande como a Praia estão arredadas dos serviços regionais, o que é manifestamente uma injustiça que o Governo Regional tem vindo a praticar.

**E.O.** - Como qualifica, independentemente da boa ou má relação com a Autarquia, o comportamento do Governo Regional dos Açores em relação à Cidade da Ribeira Grande? Exemplos: para o prolongamento da avenida marginal, das variantes, da marina de Ponta Delgada, o G.R. Tomou a iniciativa. Por que não faz o mesmo em relação à Cidade da Ribeira Grande, libertando a Autarquia para outros empreendimentos? "umas são

filhas, outras enteadas?"

**A.P.** - Isto nada tem a ver com a relação da Autarquia com o Governo. Trata-se de uma *praxis* que não concordamos. Que se veja como a marina de Angra, que foi construída pela Junta Autónoma dos Portos, e na Praia da Vitória está a ser construída pela Câmara Municipal. Como se vê é uma mentalidade centralizadora e são as cidades capitais de ex-distritos as que são bafejadas.

## Ambiente, turismo e cultura

**E.O.** - Que soluções preconiza para resolver uma vez por todas as descargas industriais na ribeira e no litoral da Ribeira Grande?

**A.P.** - O Governo já foi alertado por diversas vezes para essas situações. Uma ETAR para as descargas de lacticínios é uma exigência e um imperativo que deve ser cumprido de imediato. Existem regras industriais em vigor que não podem ser descuradas. Cabe à Autarquia alertar para estas situações e ao Governo intervir por forma a que estas questões sejam ultrapassadas.

Em termos ambientais, o impacto é muito negativo e as populações têm o direito de usufruir das zonas balneares, sem serem incomodadas com as descargas industriais. O Governo tem de ser firme na sua actuação.

**E.O.** - O Governo Regional adquiriu e recuperou o Pinhal da Piz para Parque da Cidade de Ponta Delgada, ao invés, adquiriu, mas não recuperou a Caldeira Velha para a Cidade da Ribeira Grande. Como pretende contrariar tais atitudes?

**A.P.** - A Caldeira Velha é património natural de rara beleza que importa rodear das cautelas, indispensáveis à sua preservação e conservação. De facto, custa-nos muito aceitar que tudo o que seja da Ribeira Grande leva sempre muito mais tempo a resolver, enquanto noutros sítios é mais fácil.

Foi constituído um grupo com a participação do Vereador José do Rego que elaborou um trabalho, propondo ao Governo algumas acções de intervenção. Tanto a Câmara como a Junta de Freguesia da Conceição têm alertado também publicamente para a necessidade daquele espaço ser transformado num espaço de lazer com comodidade, nunca alterando a ambiência natural da zona.

**E.O.** - Que turismo para a Ribeira Grande? O rural, onde as paisagens devem ser estudadas, divulgadas, protegidas e usufruídas, ou o cultural, sabendo-se que esta dimensão tem sido, salvo algum trabalho feito, descurada: veja-se. Por exemplo, a questão do património do edifício na área histórica da Cidade?

**A.P.** - Não podemos pensar sequer que o futuro do turismo da Ribeira Grande passe pela vertente cultural. Angra, a cidade património mundial nunca conseguiu até agora incrementar o turismo apenas pela dimensão cultural, onde a monumentalidade daquela cidade impressiona quem a visita.

Por outro lado, não podemos investir no turismo das praias nem no turismo do sol, porque a nossa Região tem um clima instável.

Por isso, importa conciliar o turismo das nossas paisagens naturais e valorizar no nosso caso com a vertente cultural. No meu entender, não podemos incrementar um núcleo de mercado turístico apenas com a divulgação do nosso património edificado, considerando que esta vertente, por si só, não poderá constituir um fonte de receita apreciável.

Entendo que devemos por os pés em terra e não nos iludirmos com o turismo cultural, quando este deverá constituir um complemento do turismo das paisagens lindíssimas que se espalham por todo o Concelho.

**E.O.** - Que impacto prevê na economia da Ribeira Grande com a eventual introdução do Ensino Superior, do Museu e da Biblioteca da Ribeira Grande?

**A.P.** - Eu não tenho dúvidas absolutamente nenhuma que o Ensino Superior virá revolucionar, no bom sentido, a economia da Ribeira Grande. A nossa cidade não só ficará no mapa das cidades com Ensino Superior, como ele constituirá uma forma de trazer mais vida e juventude à nossa cidade. O mercado será revitalizado, os acontecimentos culturais multiplicar-se-ão, bem como o dinamismo da Ribeira Grande.

O Museu e a Biblioteca, cujo projecto aguarda financiamento seguro, será um importante complemento e apoio ao Ensino Superior.

## Economia

**E.O.** - O Parque Industrial, inicialmente criado pelo Governo Regional para ser o da Ilha de São Miguel, ao que parece, passou ou irá passar para a alçada municipal, como dinamizá-lo, agora quase ao seu lado, Ponta Delgada terá o das Murtas?

**A.P.** - O Parque das Murtas encontra-se ainda numa fase muito inicial, enquanto que o Parque Industrial da Ribeira Grande é já uma realidade, como espaço devidamente infra-estruturado.

A Câmara Municipal já encomendou o projecto de redimensionamento do Parque Industrial para responder às inúmeras solicitações das pequenas indústrias da Ribeira Grande. A falta de acesso foi o maior inimigo daquela estrutura que inviabilizou a instalação das indústrias do tabaco e da cerveja.

Com a alteração do loteamento, o Parque Industrial da Ribeira Grande ficará superlotado e a sua óptima localização irá exigir a sua expansão a médio prazo. Por isso, não nos assusta que se localize nas Murtas um outro parque, porquanto a tendência é para a concentração de indústrias.

A política de incentivos para o parque que a Câmara estuda neste momento será determinante na medida em que os industriais poderão instalar-se com custos reduzidos dado que a Câmara Municipal pretende atribuir cada lote a preços simbólicos.

**E.O.** - O que fazer para atrair mais investimento privado, nomeadamente no âmbito do turismo?

**A.P.** - A Câmara Municipal tem promovido diversas diligências junto dos investidores com larga experiência no sector, incentivando-os a aproveitar as potencialidades da cidade e do Concelho. Por outro lado, desafiei um grupo de empresários locais a constituírem-se em consórcio para investirem num hotel na Ribeira Grande. Reina já um optimismo na concretização de uma aposta numa estrutura hoteleira de média dimensão.

Algumas das intenções de investimento têm conhecido entraves devido aos custos dos terrenos, dificultando o avanço destas iniciativas.

Por outro lado, existe já um projecto de uma unidade hoteleira no Concelho que poderá arrancar rapidamente.

No sentido de atrair os investimentos nesta área, considero que a Câmara Municipal deve disponibilizar o espaço das antigas oficinas da Rua do Estrela, bem como parte do espaço do antigo mercado do gado, tendo em vista a viabilizar a construção de um hotel mesmo no centro da cidade.

**E.O.** - Que impacto terá no tecido económico social da Ribeira Grande a construção, na Cidade de Ponta Delgada, de 10 hotéis, um Centro Comercial e de inúmeros apartamentos? Não teme que o Concelho e a Cidade se transformem num dormitório?

**A.P.** - A Ribeira Grande não será



dormitório de Ponta Delgada, porque tem vida própria, tem uma identidade cultural muito particular que a distingue de Ponta Delgada.

Todos estes hotéis em Ponta Delgada terão um impacto na economia da ilha e, consequentemente, na do nosso Concelho.

Já existem muitos turistas que procuram alojamento na Ribeira Grande, fugindo à balbúrdia de Ponta Delgada. Felizmente que esta necessidade é sentida e apreendida pelos nossos empresários que vêm nesta situação uma oportunidade de negócio.

É ilusório pensar que a Ribeira Grande possa competir com a capital económica dos Açores. Não podemos é atrasarmos ainda mais e temos que estar atentos.

## Infraestruturas

**E.O.** - Admitiria como infraestruturas regionais a transferir ou a requalificar as seguintes: Centro de Saúde, transformado em Hospital do Norte da Ilha, Casa da Cultura do Norte de São Miguel, Secretaria e Direcção Regional? A que argumentos recorreria?

**A.P.** - Este seria um possível modelo de gestão, tão interessante e importante, como eventuais outros modelos. Ao invés da concentração de serviços que se verifica actualmente e que gera optimização de recursos, a descentralização de serviços gera qualidade. Os cidadãos poderiam ter mais comodidade e melhor atendimento se tal viesse a acontecer. Os serviços poderiam desenvolver-se e consequentemente atrairiam mais investimento e mais riqueza.

A população da costa norte da nossa Ilha seria melhor servida, bem como a da costa sul, dado que a desconcentração de Ponta Delgada seria benéfica para as pessoas daquela cidade e as das outras localidades por ela servidas.

Temos estruturas base para que este modelo pudesse ser concretizado, temos uma localização geográfica central que facilita os acessos, temos uma população de cerca de 29000 habitantes que merecem uma outra atenção.

**E.O.** - Que benefícios traria uma eventual transferência de serviços públicos regionais para a Ribeira Grande?

**A.P.** - Tenho vindo, ao longo dos anos, a insistir neste ponto, porquanto entendo que os serviços públicos podem uma população flutuante para absorver a nossa produção e rentabilizar os serviços aqui disponíveis, bem como o comércio local.

Uma pessoa que teria de deslocar-se à Ribeira Grande, para tratar de determinado assunto, poderia aproveitar a oportunidade de, entretanto, entrar numa casa comercial para adquirir um produto. Esta situação exponencial resultaria na dinamização do nosso comércio, da nossa

indústria, dos nossos serviços e da nossa cultura, que teria de se expandir para responder eficazmente às solicitações.

**E.O.** - Dado o atraso e a urgência de captação de verbas para as infra-estruturas essenciais a desenvolver na Cidade e no Concelho, acha que a criação de equipas para captar verbas e implementar projectos, tal como o Governo Regional da Madeira faz, se adequaria ao nosso caso?

**A.P.** - O nosso estado de desenvolvimento consegue absorver o muito investimento das insuficiências estruturais de que padecemos. Por isso cada vez mais se deve tratar da captação de investimentos de forma profissionalizada.

Por muita vontade que têm os políticos, estes terão de optar por uma equipa de gente habilitada e muito bem paga, para tratar das oportunidades de negócio.

Acontece é que com as insuficiências financeiras de uma Autarquia com a dimensão da nossa, esta tarefa é mais complicada, atendendo a que as necessidades de recursos humanos para movimentar uma máquina administrativa e técnica ainda é muito grande. Contudo, os primeiros passos estão a ser dados neste sentido.

Por outro lado, para fazer face à exiguidade de verbas, há necessidade de se enveredar pelas novas formas de financiamento, como seja as de "Project Finance", como solução para a concretização de algumas obras essenciais para o nosso desenvolvimento.

**E.O.** - Na ausência e enquanto se espera a conclusão do PDM e do PU, avançaria já para um Plano Estratégico? Que linhas gerais enformariam este Plano para a Cidade e para o Concelho?

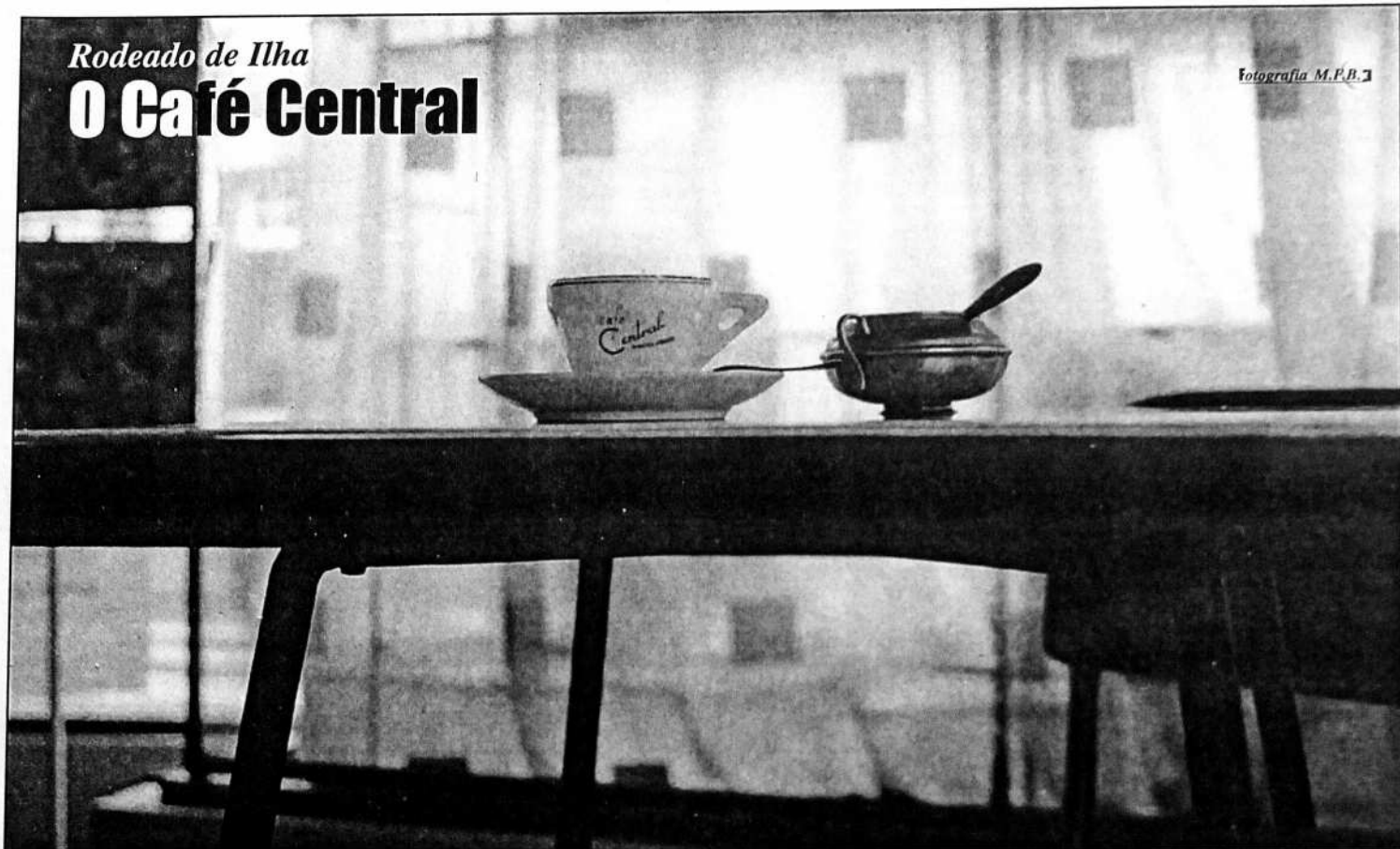
**A.P.** - A Câmara Municipal já possui um projecto estratégico de desenvolvimento para todo o Concelho. A versão final está concluída. As linhas gerais estão definidas e consistem em: melhoria das acessibilidades, da competitividade das empresas e dos serviços autárquicos, bem como das infra-estruturas industriais.

O desenvolvimento do turismo, como a valorização de zonas integradas e da restauração constitui uma aposta, e bem assim a dinamização do roteiro turístico e iniciativas de turismo rural de habitação e agro-turismo.

A renovação do parque habitacional e o apoio social, assim como a promoção da melhoria dos cuidados de saúde são áreas de intervenção planeada a empreender. O saneamento, o abastecimento de água e o tratamento dos resíduos sólidos são acções de desenvolvimento que a autarquia privilegiará.

## Rodeado de Ilha O Café Central

Fotografia M.F.B.J



Não escondo que foi o anúncio nas páginas deste jornal o que me enviou para esta crónica. Diz: "Sabor a tradição". E a legenda rodeia uma chávena do Café Central da Ribeira Grande. Conheço numerosos cafés e pastelarias com este mesmo nome. Não vale a pena enumerá-los. Creio que o primeiro que conheci foi em Coimbra, pelos meus quinze, dezasseis anos. Fica – porque suponho que ainda lá se encontra – naquela rua comprida que resume toda a Baixa coimbrã e que traz consigo dois nomes: Ferreira Borges e Visconde da Luz. Duas ruas, portanto, e não uma única rua. A pastelaria Central está ao lado do café Nicola e, nos anos em que permaneci em Coimbra, depressa a substituí por este. Mas o que neste momento me interessa é o Café Central da Ribeira Grande. Também ele se situa numa rua que só ao mais desatento é uma única artéria. Via extensa que dá lugar a duas ruas: D. Carlos I e Nossa Senhora da Conceição. Tal como sucede com a Central de Coimbra, não sei com exactidão em qual das ruas fica. Posso, sim, dizer que se encontra na rua direita (mesmo que o seu traçado oblique um pouco) que resume toda a Baixa ribeirão-grandense. Não vou falar muito do café. Da casa onde se situa. Os da terra conhecem-no bem melhor do que eu, no equilíbrio das suas mesas e cadeiras. Gosto particularmente de uma das mesas. Fica como que um pouco desviada do conjunto da sala e do corpo maior dos seus clientes e amigos. Serão, por certo, os meus olhos que lhe concedem esse desvio, aproximando-a de uma porta lateral. Mas eu digo clientes e, também, digo amigos, pois um café tem

igualmente estes últimos. Não o frequentam por acaso ou pela necessidade de um encontro. Os amigos distinguem-se dos clientes. Estão num café pela estima que dedicam ao peso de uma cadeira, ao tempo de uma mesa, à incidência de uma luz. Permanecem, mesmo quando o lote do café se abastarda. Por mim falo. Porque me sei deversos amigo desse espaço, corrido de lugares secretos e, no entanto, bem visíveis. Há, ainda, um sentimento doméstico vindo da vitrine dos bolos – não me lembro de os ter comido – e que a visão de abandono do teatro fronteiro acentua. Dir-me-ão: "O teatro foi restaurado." Eu sei. Já o visitei. Mas o sabor a abandono persiste, como se a parede do teatro fosse um grande telão armado, pronto a receber a mobilidade doméstica dos habitantes da terra. Um desamparo, uma renúncia que vai direita, vindo do outro lado da rua, à pequena bandeira da monarquia constitucional que se encontra num armário de parede. Dir-me-ão: "É o reflexo dos vidros." Respondo: "Não. Não é. É uma visão estagnada e profunda, como a que encontramos numa lagoa plácida, cuja superfície discreta mal estremece com a passagem ocasional do voo rasante de uma ave."

O Café Central. Aí conheci alguns amigos. Não digo os seus nomes. Refiro somente o café como meu amigo. Mas um café é como um padre ou um político, um lugar público. Por isso aceitam clientes e amigos. O juízo iria longe, se quisesse. Será suficiente dizer que aos padres e aos políticos secam-lhes as lágrimas na fonte; e quando

por desgaste dos fiéis e do eleitorado se retiram têm sobre o público um efeito de um ferro em brasa. Por isso, todos lhes fogem. Na fuga reside a única forma de resistência, isto é, o não correrem o risco de ficar com o coração irremediavelmente empedernido. Fiéis e eleitorado preferem manter a alma e o voto num estremeamento interior, a ficarem presos de uma imobilidade prosaicamente contemplativa que se dirige a uma parede caiada ou a uma peça de estatuária sem qualquer força representativa. Quanto a um café, sobressai sempre da nossa afectividade. Exige-nos um temperamento (políticos e padres odeiam fiéis e eleitores temperamentais) e força-nos a uma reserva filosófica capaz de explodir em amor e violência. Leva-nos, sentados à mesa eleita, a desenvolver uma infundável série de pensamentos. "Mais imaginados do que expressos." Disse-me, um dia, um amigo de amigos, que sabia como mais nenhum de botânica insular. Era um sábado, depois do almoço. Uma daquelas horas do dia em que ninguém deixa a sua marca nos sentimentos da pobre humanidade. Às três e meia da tarde faltava a todos nós nobreza e magnificência. Parecíamos-nos com uma mesa de clérigos, prontos a desligarem-se do elo com o sagrado por causa de uma secretária do cartório da paróquia; daquelas que se oferecem para trabalho voluntário. Com um ligeiro esforço parecíamos políticos. Dos que se sentam ao longo de várias legislaturas na penúltima bancada do parlamento. Estão dispostos a um discurso que nunca farão, nem sequer na sua vida privada. E é pena, pois essas palavras iriam assemelhar-se ao

silêncio de consternação e terribilidade que se segue a um trovão. A essa hora entrou no café aquele que acabou amigo de todos nós. (Não do café. Esse é um laço que só a mim pertence e que não prende em razão íntima de afectos – que eu saiba – nenhum dos dois que invoco e que não nomeio.) Trazia um chapéu de palha na cabeça e nunca o tirava. Era uma criatura que não se compadece com o sopro quente do verão. Afectuoso e divertido. Um companheiro de fascínio, se qualquer de nós se dispusesse a tomar lugar ao seu lado para uma viagem pelo deslumbrante rio da vida. Só que a embarcação de que era remeiro, por demais pequena, não tinha grande espaço. Nem mesmo se dispensasse um dos remos. Olhando bem para ele, não nos distanciámos da legenda da raposa e das uvas; e dissemos: "Tem as pálpebras pesadas e sonolentas de quem passa as manhãs na cama. Anda com algumas moedas no bolso e mesmo com uma nota fugidia, mas não o suficiente. Preferimos uma barca mais espaçosa, escadarias infundáveis e o toque de metais preciosos. O seu rosto, sob a grande aba do chapéu de palha, não esconde um ruído regateio de trocos." No fundo, nenhum de nós o merecia. Partiu, como partem esses inúmeros revolucionários que têm junto aos trocos uma bomba e que se imolam em martírio. Têm no paraíso setenta virgens à sua espera. Nós ficamos deste lado, copos arrumados num louceiro. Permanecemos instalados durante a tarde, com um papel e esfereográfica, a desenhar aqueles

círculos que sugerem caos, paciência, eternidade. Sentados à mesa do café. Vêz nisto o sabor da tradição. "Não acreditem. Nenhum de nós é assim. Pois trazemos todos um assassinato planeado desde os doze anos. É um dia, fora ou dentro do verão insular, com o risco da própria vida, saberemos concretizá-lo." Disse o mais botânico dos amigos.

O Café Central merecia melhor história. E que o prendesse aos dias de dezembro, que é quando ao levarmos a chávena do café aos lábios, a meio da manhã, sentimos os mínimos graus de perfeição que a vida guarda. Que é quando, entre o primeiro e o segundo gole de café, aguardamos uma série de miragens. Não da vista, mas do ouvido. Porque as miragens do ouvido são um lugar de grande privilégio, tal como o afirmava o divino Mahler, sob as nervuras que se desfazem em brutesco na cúpula do Café Central de Viena. Ao Café Central regresso sempre. O vidro da montra dá-me a parede do teatro fronteiro. Fico de ouvido atento a um som de solicitude. O mais das vezes ouço uma bela voz sombria. Não é de ninguém. Não sou suficientemente solipsista para a julgar a minha voz. Será somente uma miragem do ouvido. Ficaram em Haifa, em Jerusalém, em Ragusa, esses lábios de mortal ferida.

Isido Miguel Fernandes Jorge



**Os preços baixos convidam.**

## Já tem planos para quinta?

Quinta-feira, dia 25 de Outubro, o seu novo vizinho prepara-se para dar uma festa de arromba pela inauguração da sua nova casa e Ribeira Grande inteira está convidada. Faça o favor de entrar e descobrir a maior variedade de marcas e produtos que diariamente o

Modelo tem para si, a preços que o convidam a aparecer sem avisar.

E enquanto cá estiver habilite-se ao sorteio de um dos três magníficos Fiat Punto 55S 5p  
Entre, a chave está na porta.

# Modelo

**A partir de 25 de Outubro na Ribeira Grande**

Ao longo da ribeira...

## Um passeio na cidade



Foi elaborado um roteiro (1) de um **Itinerário Ambiental** (2), tendo como título "Um Passeio na Cidade". É um roteiro diferente dos turísticos e dos roteiros de percursos na Natureza.

Muitos têm do termo **Ambiente** uma definição redutora, esquecendo que este abrange todo o meio circundante, incluindo o que teve a interferência humana. Pouco haverá na Natureza que não tenha sofrido aquela intervenção.

Este itinerário pretende dar a conhecer, de forma informal, parte da cidade, tendo como fio condutor "os moinhos de água". Por outro lado, pretende chamar a atenção para alguns aspectos arquitectónicos, históricos, sociais, económicos e a sua articulação com a Natureza.

O roteiro sugere um percurso de nove pontos desde o Largo de Santo André até às plantações de maracujá e respectiva fábrica.

A zona em que se fixaram os primeiros povoadores nos finais do séc. XV, ao que se sabe, caracterizava-se por ser uma fértil planície com água em abundância e em que a ribeira, que lhe deu o nome, veio a desempenhar um papel fundamental no

seu desenvolvimento. Deste modo se justifica que os moinhos de água, que têm a característica de se confundirem com a malha urbana de cidade, sejam o elo entre os diversos pontos.

### Um passeio pela ribeira

A participação na realização deste projecto, que incluiu a consulta bibliográfica, entrevistas, inquéritos e o reconhecimento dos locais, sobretudo estes últimos reforçaram-nos a ideia de se efectuar um outro percurso pedestre, ao longo da ribeira, valorizando uma riqueza desconhecida por muitos e desprezada por outros.

A Ponte dos Oito Arcos, com vãos de 10 metros cada um e com mais de 20 metros de altura, é um monumento emblemático da cidade. Além de figurar no brasão, é uma espécie de fronteira entre a urbe que se desenvolveu a montante e uma zona litoral degradada, ocupada por um casario de menor qualidade.

Da ponte até à foz deveria ser feita uma intervenção, criando caminhos que, passando por baixo dos arcos extremos, terminariam na foz, numa ponte a ligar as margens da ribeira e corrigindo e reforçando as margens, que actualmente mostram os tubos de despejo de esgotos domésticos, entre os lixos e entulhos que aí vão sendo despejados.

A valorização destes últimos metros do curso da ribeira é um dever prioritário, para a valorização da própria cidade. É incompreensível que se gaste mais dinheiro em obras desnecessárias a montante da ponte e se deixem os metros seguintes com o aspecto terceiro-mundista que agora apresenta.



O actual Paraíso, já era assim chamado no tempo de Gaspar Frutuoso que se refere à Cova do Milho, como "...uma alagoa funda que fazia a ribeira que corta a vila, chamada o Paraíso, da banda do ponente..." (Livro Quarto das Saudades da Terra, volume II, página 334).

A ideia de uma "lagoa", a surgir com o alargamento das margens da ribeira junto à ponte, de forma a esta passar debaixo de seis dos oito arcos, rebaixando o seu leito de forma a que a água passe nas sapatas, vem de encontro aos diversos alertas que têm sido lançados para manter a ponte segura.

Desde há anos o Eng. Armindo Moreira da Silva tem insistido na Assembleia Municipal para a retirada dos diques que fizeram a corrente da ribeira passar na parte mais frágil, afectando os pilares, o que as enxurradas vieram em parte remediar, alargando as suas margens. O Laboratório Regional de Engenharia Civil reafirmou a ideia de fazer passar a ribeira por um leito regular junto das sapatas.

A intervenção urge por razões de segurança ou conservação da ponte, mas justifica-se igualmente por questões estéticas.

Com o arranjo que envolveu a retirada das casas da Cova do Milho, transformou-se um local de cerca de 6 mil metros quadrados, com aspecto

degradado, no centro da cidade, num espaço que passou a ser o postal ilustrado da Ribeira Grande.

Construiu-se o Parque Infantil, do qual restam alguns destroços ferrugentos e que deveriam ser retirados antes que provoquem algum acidente. Deveriam ser substituídos por equipamentos novos e seguros, guardados de dia e inacessíveis de noite. Do Paraíso ao tabuleiro da Ponte dos Oito Arcos há a possibilidade de acesso através de uma escadaria, a construir do lado nascente.

Desta forma, o Paraíso seria local de passagem, ligando o centro da cidade ao litoral, dignificando um espaço que poderia ser o local de passeio e de descanso por excelência e agora está votado ao abandono.

Para montante, desde o Paraíso até à Mãe d'Água é possível criar um passeio pedestre nas margens da ribeira, por caminhos que dariam acesso a locais de extrema beleza, na maior parte inacessíveis, e aos moinhos de água agora em ruínas e que deveriam ser recuperados.

O menosprezo e agressões que sofre actualmente a ribeira ao longo do seu percurso, como as de servir de despejo de esgotos, de deposição de entulhos e de lixos e vazadouro de máquinas e sucatas, daria lugar a sua manutenção. Há umas décadas atrás houve ousadia e meios para transformar completamente o centro da cidade, junto à ribei-

ra. É tempo de descruzar os braços e tornar acessível a ribeira à fruição da população e de quem nos visita.

É preciso descobrir melhor local para articular a obra humana com a da Natureza? **A Ribeira Grande deve tudo, até o nome, à ribeira a que queremos continuar a estar ligados, aproveitando tudo o que ela nos pode proporcionar.**

(1) Editado com o apoio da Câmara Municipal da Ribeira Grande, que igualmente financiou uma edição de postais com desenhos das crianças sobre os locais do Itinerário e bonés com o logotipo deste.

(2) O projecto Itinerários Ambientais que tem como promotor o Instituto de Inovação Educacional é desenvolvido envolvendo a parceria entre Escolas. No caso deste, realizou-se um intercâmbio entre as Escolas da Ribeira Grande e das Lajes do Pico, implicando a participação de crianças e jovens desde o 1º ciclo à Secundária. Teve o apoio da Direcção Regional do Ambiente e de outras entidades, com destaque para o Lar Augusto César Cabido, que proporcionou um acolhimento digno ao grupo de seis professoras e 18 alunos do Pico que visitou a Ribeira Grande. Não teria sido possível realizá-lo sem a participação dos Amigos dos Açores - Associação Ecológica - e da Ecoteca da Ribeira Grande.

Luís Noronha

## Turismo: uma aposta inevitável

joaot@notes.uac.pt



Os dados mais recentes sobre o turismo nos Açores apontam para taxas de crescimento nunca antes alcançadas, quer ao nível do número de visitantes, quer ao nível das receitas. Já não restam dúvidas que o sector estratégico de

desenvolvimento da região, eleito pelas entidades públicas e privadas, é o turismo. Sendo assim, para os habitantes do concelho da Ribeira Grande, torna-se cada vez mais pertinente a seguinte questão: que papel deverá o concelho assumir nesta nova orientação e, acima de tudo, como poderá beneficiar das vantagens económicas do turismo?

No que se refere à primeira parte da questão, **poder-se-á apontar o Turismo Ecológico ou de Paisagem Natural como a principal potencialidade turística do concelho.** A dimensão, os panoramas e a profundidade do campo de visão da paisagem, associados à sua diversidade, constituem importantes valores paisagísticos. O concelho da Ribeira

Grande possui autênticos tesouros naturais, salientando-se a Lagoa do Fogo, a Caldeira Velha, as Caldeiras da Ribeira Grande, o Vale das Lombadas, a Ladeira da Velha, a Praia do Porto Formoso, a Lagoa de S. Brás e os miradouros. Mas todos nós já conhecemos estes tesouros! O que não se conhece são formas eficazes de os aproveitar em prol do desenvolvimento económico do concelho. É preciso ter-se em atenção uma questão fundamental: por serem tesouros naturais, a sua riqueza poder-se-á esgotar no caso de uma intervenção desmedida e sem considerações ambientais.

**Quando se fala do aproveitamento económico destes recursos fala-se de medidas pontuais ou integradas de valorização que permitirão captar**

**mais visitantes.** Destacaria três áreas que merecem uma intervenção integrada urgente: a zona marginal da cidade de Ribeira Grande, a Caldeira Velha e a área litoral que vai desde o miradouro de Santa Iria até ao porto dos barcos do Porto Formoso. O programa comunitário PITER poderá constituir uma forma de financiamento bastante eficaz para tal intervenção, já que prevê um esforço conjunto da Câmara Municipal e de entidades promotoras privadas.

O desenvolvimento económico local é algo que surgirá naturalmente em função da aposta no turismo. Se forem criados estes atractivos, paralelamente à requalificação de toda a zona urbana da cidade, retirando-se grande parte do trânsito do centro e potenciando o



Fotografia F.M.C.V.

património arquitectónico, haverá incentivo para os turistas não só "passarem" pelo concelho da Ribeira Grande (como actualmente acontece com destino às Furnas e ao Nordeste) mas também nele permanecerem. A dinamização do turismo de habitação, da restauração, de bares e de actividades lúdicas é algo que surgirá por acréscimo e que constituirá, no essencial, a fatia do grande bolo do turismo que caberá aos ribeiragrândenses.

João Teixeira

**JOÃO GOUVEIA MONIZ & FILHOS, LDA.**

CONSTRUÇÃO CIVIL  
MADEIRAS \* BLOCOS DE CIMENTO  
VIGAS E ABOBADIHAS  
CARPINTARIA MECÂNICA  
MÁQUINAS DE TERRAPLANAGENS \* CAMIONS

SEDE: RUA DO MOURATO, Nº 70  
Telfs. 296 472 377 - 296 472 468 - Fax 296 473 022  
RIBEIRA SECA - 9600 RIBEIRA GRANDE  
SÃO MIGUEL - AÇORES

**Esperamos por si...**

**CENTRO COMERCIAL RIBEIRA GRANDE**

TELEFONE 296472402

# Nortadas

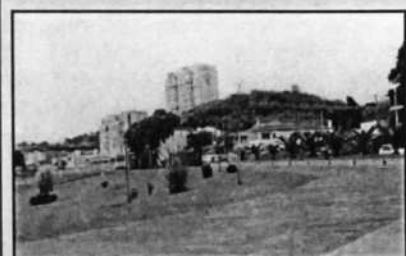
nortadas@mail.pt

## Efemérides

Fez o mês passado um ano, em pleno período eleitoral para a Assembleia Legislativa Regional, tal como o Governo Regional oportunamente divulgou, que deram início os trabalhos da Segunda Fase da Variante Sul à Cidade de Ribeira Grande. As obras, porém, é bom advertir os nossos leitores, só podem ser enxergadas pelos que possuem o dom de ver o 'invisível'.

As do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Ribeira Grande, a Sul do segundo troço do antigo Atalho, devidamente orçamentadas pelo Governo das Três Cidades e seus Arrabaldes, como prometido, avançaram no pretérito mês de Março. Dentro em breve, serão inauguradas as novas instalações com a pompa e a circunstância que a ocasião exige. Também para estas aconselha-se o recurso a óculos especiais que ajude um mísero 'Homo Sapiens Sapiens' a distinguir o real do virtual. Parabéns.

A Câmara Municipal anunciou quase como certo para o início do ano escolar de 2001/2002 a abertura de três cursos no Politécnico Dr. Gaspar Frutuoso, como sabeis com sede no Centro Cultural da nossa Cidade, onde decorrerá a cerimónia solene da abertura do ano académico. Aguarda-se com indisfarçada expectativa uma lição inaugural memorável. Acrescente-se ao costumeiro traje de gala um par de óculos especiais.



A 1.ª fase da Via Litoral prometida para este ano, o prometido é devido, iniciará-se simbolicamente com uma singela cerimónia de lançamento de garridos 'balões' insuflados de promessas, seguida de um 'Copo de Água' oferecido pela autarquia a todos os munícipes, no recém-remodelado complexo das Piscinas da Cidade de Ribeira Grande.

Os ribeiragrandenses celebram com júbilo a colocação recente de 'Parcómetros' na rua Direita e suas afluentes, bem como a ampliação da Casa da Cultura. Esta realidade, não esqueçamos, pertence, tal como as anteriores, à ordem da 'virtualidade virtual', por conseguinte, insistimos, recomenda-se de novo o uso da 'imaginação'. Aconselha-se, tal como o fizemos na edição anterior deste jornal, uma deslocação ao 'Observatório Municipal das Barrocas do Mar'.



A 1.ª fase da Via Litoral prometida para este ano, o prometido é devido, iniciará-se simbolicamente com uma singela cerimónia de lançamento de garridos 'balões' insuflados de promessas, seguida de um 'Copo de Água' oferecido pela autarquia a todos os munícipes, no recém-remodelado complexo das Piscinas da Cidade de Ribeira Grande.

### A ponte da Lajinha e o Eng. Câncio Martins

É segredo bem guardado, no entanto, segundo apurámos de fonte fidedigna, a autarquia, na sua louvável intenção de entregar obras a técnicos de nomeada, terá confiado a este distintíssimo engenheiro, ligado por laços matrimoniais à Cidade de Ribeira Grande, habituado a vencer vãos quilométricos, autor de celebradas pontes em Macau e em outras mais partes disseminadas por este mundo de Deus fora, tão famoso como o 'tripeiro' Edgar Cardoso, o projecto da nova ponte. A ponte da Lajinha - para os que não saibam -, une a freguesia da Maia à localidade da Lombinha da Maia, cujos moradores, segundo consta, pretendem vê-la elevada à categoria de freguesia.

O engenheiro em questão, que considera a reconstrução daquela ponte um desafio pessoal, tarda em apresentar proposta visto ter de calcular a forma eficaz, segura e esteticamente agradável de transportar o melindroso vão de cerca de TRÊS METROS.

### Gandhi, o Partido da Ribeira Grande e A Estrela Oriental

Mahatma Gandhi, Pai Fundador do moderno Estado Indiano, no nosso panteão de heróis figura só comparável a Francisco de Assis, um 'Marginal' italiano a quem muito deve a Humanidade, querendo unir os seus conterrâneos em torno do seu sonho da União Indiana, respondia, mais ou menos assim, a quem lhe perguntava a religião: 'sou Judeu, Cristão, Muçulmano, Hindu, Budista...'

A Estrela Oriental, querendo ser a voz de todos os ribeiragrandenses, à pergunta a que partido pertence, responde: 'do Partido da Ribeira Grande: dos que têm e dos que não têm partido. Só aceitando o que nos une, respeitando a natural e salutar divergência de opiniões, poderemos aspirar a um futuro melhor para a nossa Cidade, Concelho, Região e País.

### Dilema das araucárias do Mercado Municipal

Sr. Presidente, ou corta as araucárias e caem-lhe os ecologistas em cima, ou não corta e caem-lhe as araucárias em cima do Mercado Municipal. Seja qual for a decisão, não gostaríamos de estar na 'sua pele'. Uma deixa, porém: George Hayes, AMIGO DOS AÇORES, ao cair-lhe recentemente em cima da casa uma ramada de araucária não se opõe ao seu corte.

### Ping-Pong de culpas!

Como explicação para o nosso, infelizmente, inegável atraso face ao que se passa na restante Região, os do PS culpam a Câmara e a Câmara PSD culpa o Governo. O 'mexilhão', leia-se o ribeiragrandense, espremido entre a vaga e o rochedo, é quem se lixa, como sempre, pois vê tudo 'por um canudo'. Deixem-se de tretas, engulam sapos, se necessário for, façam-se amigos, há coisas que custam mais, sejam bons meninos e trabalhem! Verão como os ribeiragrandenses agradecidos celebram os seus benfeitores.

### A Estrela Oriental e as más companhias

A Estrela Oriental errou ao tentar não desmerecer desacreditados energúmenos tais como um tal Luís Vaz de Camões, autor de *Os Lusíadas*, livro elitista, colocado justamente, pela mais moderna pedagogia, no banco de suplentes das Letras, Eça de Queirós, um chato e pedante co-autor de intragáveis livros tais como 'As Farpas', Camilo, o dissoluto autor de novelas dissolutas, etc. & e tais; em suma, uma corja 'fandanga' de 'elitistas sem eira nem beira!' Tentaremos nos próximos números ser mais cautelosos, ser como, embora em campos diferentes, Luís Figo, o elitista jogador português, que já há dias se retractou na Praça Pública por pecado semelhante, prometendo jogar diferente, ou seja, falhar mais passes, marcar menos golos, etc.. Chegámos à conclusão de que, em boa Democracia, igualdade oblige, deve haver nivelamento por baixo, como acertadamente o faz a maioria das nossas escolas. Consulte-se, a este respeito, o mais recente, memorável e glorioso 'ranking' Nacio-

nal do Ensino Secundário. Mais uma vez pedimos desculpa. Com a promessa de que não se repetirá; perdoem-nos, porventura, alguma recaída.

### Fenais da Ajuda

A Junta de Freguesia de Fenais da Ajuda, PS, na pessoa do dinâmico e esforçado Carlos Dinis Melo, e todos os habitantes daquela freguesia, estão de parabéns pela sua excelente sede, pela ímpar 'Casa Mortuária' e pelo novo Salão de Convívio. Assim se constrói o nosso Concelho.

### Lomba de São Pedro

A Junta de Freguesia da Lomba de São Pedro, PSD, bem como toda a sua população, exemplar no são convívio entre confissões religiosas diferentes, que bem serviria de exemplo ao nosso dilacerado mundo actual, vai em breve ser dotada de uma sede condigna, já não era sem tempo, bem como de interessantes melhoramentos no seu polidesportivo. Cassilda e &, continuem o bom trabalho. A Cidade e o Concelho muito se orgulham da vossa/nossa freguesia.

### Cidade de maior peso no País?

A Ribeira Grande, obviamente, pois, além do peso normal, há que se lhe acrescentar mais duas Gramas: Gramas de Cima e Gramas de Baixo, lugares da Freguesia da Ribeirinha, na Cidade. Aprendemos isso com um nosso leitor, assinante da primeira hora, que fomenta no seu estabelecimento comercial uma tertúlia de porta aberta. Por pudor, dele, não divulgamos o seu nome, homónimo do mais valoroso guerreiro lusitano que ousou desafiar o poderio da 'águia' (Imperial Romana!); se o disséssemos, ficaria mais 'vermelho', ou 'encarnado', como se dizia no tempo da outra senhora para evitar confusões com os 'vermelhos', leia-se, 'comunistas', do que o equipamento tradicional do seu Glorioso Sport Lisboa e Benfica. Bom já seria se, na realidade, a nossa Cidade tivesse o mesmo peso político das restantes Cidades açorianas.

**ATS** Alvaro Tavares Silva

Chaparia \* Pintura \* Revendedor CIN \* Pronto Socorro

Contribuinte nº 812 052 153

OFICINA: Estrada Regional, Ribeirinha - Tel: 296 479 626  
LOJA: Rua da Praça, 24 - Matriz - Tel/Fax: 296 472 595  
9600 Ribeira Grande - Telem: 96 2561 400

**SAPATARIA LIMA**

R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

**casa & objectos**

**Estamos em frente ao Teatro Ribeiragrandense Abertos ao sábado**

**AÇORES**

**Vieiras, Lda**

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

ALVARÁS e ORÇAMENTOS

**IVL**

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150  
Fax: 296 491 732  
9600 RIBEIRA GRANDE

**MGS**

Confeção - Limpeza a Seco

**Limpeza a Seco - Lavandaria**

Todo o vestuário:  
limpeza e tratamento de peles,  
vestidos de noiva, edredons, cobertores

**Atendimento Personalizado**

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189



## Crónica Mal-Humorada

### Os bons alunos e os maus professores



Sou do tempo em que o trabalho infantil era uma bênção e, se a menina ou o menino não passavam de classe, mais se sujeitavam eles, por parte dos pais, a uma sessão de justiça sumária do que a professora ou o professor a uma descompostura de ofensa e desagravo. Agora, é considerado crime empregar um arcaboço de quinze anos, nem que pese quatro ou cinco arrobas, em algo mais do que tentar resolver uma equação matemática, ou aprender os nomes das ilhas dos Açores ou qualquer outra miudeza de cultura geral, que a maior parte dos rapazes trocaria, sem problemas, pelos problemas existenciais da pesca ou da ordenha das vacas.

As culpas dos insucessos escolares – que, nos bons velhos tempos, tinham o nome mais prosaico de reprovações – passaram a recair sobre o sistema, que as sacode para cima dos professores. Quer dizer que quem hoje reprova são estes, ou, mais exactamente, é a sociedade que os reprova. Quanto às meninas e aos meninos, a televisão, o vídeo, os discos compactos – tudo o que seja de ver e ouvir sem necessidade de compreender – mandam mais neles do que as mães e os papás, as professoras e os professores. Mas, quando a menina ou o menino aprende alguma coisa de jeito, é porque “aquilo é uma cabecinha fina, benza – a Deus”. Pelo contrário, se saem da escola com pouco mais do que quando lá entraram, é porque a professora ou o professor não sabe ensinar. A menina vai para a igreja mascando pastilha elástica?... Culpa da escola. O menino atira para o chão a lata de refrigerante?... Culpa da escola, pois claro. A menina usa uma linguagem de que, há algumas décadas, os rapazes se envergonhavam de falar até sozinhos?... O menino é agressivo, cospe no chão, responde mal aos adultos?... É tudo culpa evidente, claríssima, da escola, que vive em constante e flagrante delito, e a

quem se pede que ensine desde o “A” ao “Z” do alfabeto e das boas maneiras até às regras de trânsito e à educação sexual, que é o eufemismo que se usa para tentar prevenir consequências desastrosas de outros desvios de comportamento. Como é impossível a escola chegar para tanto, e fora as excepções, a solução que pode evitar a aparência de desastre total é considerar cultura o que os alunos conseguem aprender. Os que pensam que cultura é outra coisa tratam de arranjar bodes expiatórios. Nos Açores, uma luz rasgou as trevas de algumas mentes privilegiadas: a culpa do insucesso escolar não é das meninas nem dos meninos, das mães nem dos papás, nem sequer é das professoras nem dos professores açorianos. A culpa, a grande e monstruosa culpa, é dos seus colegas continentais. Isso mesmo. Dedução perfeita. Vai daí, os fantásticos deputados do PSD regional na Assembleia da República resolveram que o ideal seria criar uma lei que desse preferência absoluta aos professores açorianos nos concursos cá nas ilhas. E, com mais um jeitinho, alargar-se-ia o privilégio a todos os concursos para o funcionalismo público.

Como é fácil de supor (a solidariedade nacional, para alguns teóricos da autonomia, funciona é mesmo assim), esta lei, ou hipótese dela, não admite reciprocidade, pelo que qualquer açoriano no Continente manteria os mesmos direitos e regalias que um lisboeta ou um transmontano. Tudo isto em nome das nossas criancinhas, para que não continuem sem ser os melhores alunos do País simplesmente porque não têm os melhores professores. Embora nessa questão de se ser bom ou mau professor, praticamente não haja nenhum que não acabe por se convencer, mais tarde ou mais cedo, de que não é o mestre ideal. Foi o que sucedeu comigo há uns bons pares de anos. Eu dera uma lição que julguei ser uma das melhores da minha vida. Fora sobre sólidos geométricos. Senti-me como Sebastião da Gama que, no fim de uma boa aula, pensava: “Que bela lição que eu dei!” Depois de explicar o que é uma esfera, apresentei exemplos: “Uma bola de futebol, berlindes, ervilhas...” Um aluno, com o ar autêntico de quem finalmente entendeu alguma coisa, interrompeu e, com a convicção de Arquimedes quando gritou “Eureka!”, acrescentou à lista: “Eh! senhor professor, e favas!”

Daniel de Sá

## Hoje Tive Um Sonho

Hoje tive um sonho. Sonhei que o mundo era belo e simples. As pessoas, calmas, passeavam a conversar umas com as outras, como se todas fossem amigas. A natureza, essa continuava intacta e imaculada. Tudo era perfeito! Os jovens, ora jogando à bola, ora conversando, tinham sempre aquele sorriso que contagia tudo e todos. Pobres e sem abrigos nem vê-los. Todos tinham um emprego justo para sustentarem as suas famílias. As grandes cidades tinham enormes jardins e espaços naturais, o que conferia uma paz de espírito aos seus habitantes. O sol nem era muito quente nem muito frio, dava sim uma temperatura amena que convidava todos a passearem todos os dias. Depois, comecei a ver uma luz que ficava cada vez mais forte, era o sol que entrava para a janela do meu quarto e que me acabou por acordar. Com este sonho, tão belo e pacificador, acordei muito bem disposto que até me apeteceu dar um passeio àquela hora. Sai de casa, ainda cedo, e andei pelas ruas quase todas da Ribeira Grande. O ar, fresco e húmido da manhã, lembrava-me, ainda, o sonho

que tive nessa noite. Tudo estava perfeito até, ao fim de pouco tempo a andar, encontrar várias seringas utilizadas no chão. Rapidamente, aquele ar puro da manhã se tornou insuportável. À frente, garrafas vazias de bebidas alcoólicas faziam ver que, naquela casa, a noite foi péssima. Ainda se ouvia um choro abafado, daqueles que nos inquietam bem cá dentro do nosso peito. Olhei em volta e lembrei-me do sofrimento e da hipocrisia das pessoas, dois sentimentos aliados ao poder e àqueles que tudo fazem só pensando no seu bem, passando por cima de tudo e todos. E os montes, essa natureza que é um dos pontos turísticos da cidade está a desaparecer. Seus proprietários só vêem os fins lucrativos, abrindo buracos nos seus montes, desfazendo árvores, poluindo as águas. Que pessoas são essas? Vocês nunca tiveram sonhos como o meu? Aposto que muitos, enquanto crianças, brincaram nesses mesmos montes que estão a destruir! Dinheiro, dinheiro e só dinheiro. Pois digo-vos, antes ser pobre com uma alma rica do que ser rico com uma alma pobre!



Na rua ao lado, todos os meus amigos que lá moravam, foram estudar para o continente. Cada vez há mais pessoas a deixar a nossa terra. Porquê? Talvez porque, tal como eu, quando tiveram este sonho que não corresponda à realidade. Mas, é tempo de mudar. É tempo de criar centros de desintoxicação aqui, de dar o exemplo aos mais pequenos e mesmo aos mais velhos de por o papel no lixo, de tratar dos alcoólicos aqui da cidade, de criar valores solidários e de ser amigo do inimigo e fazer ver que a natureza é um bem de todos e não só de alguns. É hora de criarmos uma Ribeira Grande melhor para os nossos filhos, é a hora...

Alexandre Gaudêncio

## Contrastes

fotógrafo



+ 1º Mundo



- 3º Mundo

Caro amigo Dr. Mário Moura,

Os meus parabéns pela edição on-line do jornal “A Estrela Oriental”. O grafismo está excelente, sendo o site bastante completo e de fácil leitura, nomeadamente através dos diversos links que dão acesso a cada uma das secções do jornal. No entanto, dado que sou cibermata assíduo, descobri algo que, em minha opinião julgo ser uma falta de respeito para com o vosso jornal. Passo a explicar: numa passagem que efectuei pelo site do PS - Ribeira Grande notei que, naquele site, existe uma ligação intitulada “Ribeira Grande” e que encaminha directamente para o site do jornal “A Estrela Oriental”. Porquê permitir esta situação? Porquê permitir esta confusão, quando todos sabemos já que as próximas semanas serão de “combate” eleitoral renhido, do qual, já o Dr. M. Moura, através do Editorial da edição de Outubro, e bem, marcou posição de equidistância para o jornal “A Estrela Oriental”? Permita-nos uma pequena sugestão, mantenha este precioso meio de Comunicação do nosso concelho como o reflexo de todos os seus habitantes, da sua realidade e herança sócio-culturais. Não deixe que uns poucos se apropriem disso em desfavor de muitos.

José António Garcia

N.R. Não o permitimos, nem o permitiremos, seja em que circunstância for. Trata-se não só de um flagrante abuso mas de uma indesculpável falta de educação, a que *A Estrela Oriental* é totalmente alheia. Aguardamos: 1- que tal link seja retirado já; 2- esclarecimento público, por parte do responsável por aquela página do PS/ Ribeira Grande. Este jornal, enquanto formos seu Director, cumprirá estritamente o que propõe o seu Estatuto Editorial, doa a quem doer.



**Modelo**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande

**Custa Pouco  
Viver Melhor**